



**Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

**ANA CONCEIÇÃO BORGES DE OLIVEIRA**

**GÊNEROS DISCURSIVOS & PRÁTICAS EDUCATIVAS-SOCIAIS**

Belém – PA  
2012

## **GÊNEROS DISCURSIVOS & PRÁTICAS EDUCATIVAS-SOCIAIS**

**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia – área de concentração: Educação, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.**

**Belém**

**2012**

Dados Internacionais de catalogação na publicação  
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

---

Oliveira, Ana Conceição Borges de

Gêneros discursivos e práticas educativas-sociais. / Ana Conceição Borges de Oliveira.  
Belém, 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.  
Orientação de: Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

1. Análise do discurso 2. Gêneros literários 3. Linguística 4. Prostituição – Aspectos linguísticos 5. Prática de ensino 6. Identidade social I. Silva, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da (Orientador) II. Título.

CDD: 21 ed. 401.41

---

*A minha mãe, Raimunda Borges de Oliveira, pelo amor, carinho, dedicação e incentivo. Te amo para Sempre...*

## AGRADECIMENTOS

*Agradecimento especial a Raimunda Borges de Oliveira, minha mãe, e a Hermenegildo Gomes de Oliveira (in memoriam), meu pai, pelo incansável apoio e constante incentivo.*

*A minha irmã preferida Ana Cecília. Cara irmã, meu vocabulário fundamental continua sem palavras para te agradecer. Te amo.*

*Ao Breno Marques por compartilhar comigo as alegrias e dificuldades desta pesquisa.*

*A Profa. Dr. Socorro Cardoso, minha orientadora, pela orientação e permanente estímulo.*

*As Profas. Rosa Assis, Josebel Fares e Denise Simões pela gentil colaboração, em diferentes aspectos deste trabalho. A cooperação não implica que tenham qualquer responsabilidade em relação a eventuais imprecisões. Os pecados são todos meus.*

*Ao Prof. Sérgio Sapucahy (in memoriam), "meu" velho Mestre de Língua Portuguesa, pelos estímulos em minha vida acadêmica e profissional.*

*As Profas. Célia Jacob e Luci Teixeira pela amizade.*

*A Profa. Júlia Maués pela amizade e orientações pertinentes neste trabalho.*

*Ao Prof. Jorge Resque, pela disposição e boa vontade em escrever o abstract, e pela amizade.*

*A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.*

*Obrigada Deus, por ouvir e atender aos constantes e incessantes pedidos, em forma de prece, feitos pela minha mãe.*

*“O estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso tem uma importância fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida verbal, a que chamam o “fluxo verbal”, a comunicação etc., noções estas que ainda persistem em nossa ciência da linguagem. Irei mais longe: o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações.”*

*(Mikhail Bakhtin, 2003)*

## RESUMO

OLIVEIRA, Ana Conceição Borges de. Gêneros Discursivos & Práticas Educativas-Sociais. Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

Este **estudo descritivo-analítico**, de **abordagem quantiquantitativa**, com **aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso**, **objetivou** analisar o discurso do tipo cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo na cidade de Belém, na Amazônia paraense. Para isso, **identificamos** as condições de produção do gênero cotidiano no seu contexto de produção inter e intradiscursivamente – delimitado no campo da subjetividade – de mulheres profissionais do sexo; **descrevemos** o gênero do discurso no qual o anúncio se configura, como um texto de lugar da manifestação da ideologia, considerando-o como forma de visão sobre o mundo, que contribui para a formação da identidade do indivíduo; e **caracterizamos** o funcionamento discursivo estabelecido pelos modos de enunciação no gênero cotidiano. Correlacionadas a **esses objetivos, as questões** que nortearam o percurso investigado foram: como esse gênero representa, em termos de conhecimentos e crenças, a “realidade específica” a que está relacionado? Que tipo de relações sociais esse gênero reflete ou estabelece?; e Quais as identidades ou os papéis sociais envolvidos nesse gênero? **Os dados desta pesquisa** são constituídos por **gêneros discursivos**, por mim denominados de cotidiano, circulam socialmente, possuem temas semelhantes, entretanto, diferentes meios de veiculação. São estes: o **anúncio**; a **entrevista** da prostituta; o **blog** e o **site de relacionamento** sobre o tema escolhidos. Cabe acrescentar que para a **composição** desse *corpus*, um dos critérios de seleção é que o gênero selecionado apresente um discurso do e sobre as mulheres profissionais do sexo. Acrescento que nesta **investigação** há dois **conceitos** que presidem, enquanto fundo de referência, a abordagem discursiva aqui proposta: **discurso** e **identidade**. Cabe ressaltar que o **discurso** é analisado pelas condições de sua produção e a **identidade** pela polissemia (o diferente; o deslocamento, a ruptura de processos de significação).

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos. Análise do Discurso. Prostituição. Práticas sociais. Identidades.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Ana Conceição Borges de. Discourse Gender & Educative-Social Practices. Master's in Education – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

This **descriptive-analytical study**, over a **quantitative-qualitative approach**, with **theoretical-methodological basis** on **Discourse Analysis**, aimed at analyzing the discourse of na everyday ordinary type as na identity sign of professional women sluts at the city of *Belem*, in the *Paraense Amazon*. For that, we identified the conditions of production of the everyday type in its inter and intra discourse context – limited to the field of subjectivity – of professional women sluts; **we described** the discourse gender in which the announcement is shaped, as a text of an area where ideology shows up, considering it as a way to view the world, which helps shaping the individual identity; and **we characterized** the discourse role established by the modes of enunciation in the everyday type. Associated with **those aims, the issues** that streamlined the investigative route were: how that gender represents, in terms of knowledge and beliefs, the “specific reality” to which it is related to? What type of social relations does that gender reflect or establish?; and What identities or social roles are involved in such gender? **The data for the research** are composed of **discourse genders**, labeled as everyday by me, which move around socially, bear similar topics, however, different means of being forwarded. Those are: the **announcement**; the **interview** of the slut; the **blog** and the **relationship site** over the selected topic. It is necessary to mention that for the **composition** of that *corpus*, one of the criteria for selection is that the gender selected shows a discourse on and about the professional women sluts. I add that in the **investigation** there are two **concepts** which rule over, as reference background, the discourse approach herein proposed: **discourse** and **identity**. It is important to highlight that the **discourse** is analyzed for the conditions of its production and the **identity** for the polysemy (the different; the moving around, a rupture of the meaning processes).

**Key-words:** Discourse gender. Discourse analysis. Prostitution. Social practices. Identities.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>SEÇÃO I: A LINHA DO TEMPO PARA A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>1 ATENAS SEM HIPOCRISIA.....</b>	<b>19</b>
<b>2 NO COVIL DAS “LOBAS” DE ROMA.....</b>	<b>24</b>
<b>3 O PARAÍSO E O REFÚGIO DOS LIBERTINOS.....</b>	<b>28</b>
<b>4 A NOVA ‘CARA’ DA PROFISSÃO MAIS ANTIGA DO MUNDO.....</b>	<b>36</b>
<b>SEÇÃO II: FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>41</b>
<b>1 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>41</b>
<b>2 BAKHTIN E SUAS TEORIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>3 O DISCURSO.....</b>	<b>49</b>
3.1 O DISCURSO E OS GÊNEROS DISCURSIVOS.....	50
<b>4 IDENTIDADES.....</b>	<b>53</b>
4.1 DESCOBRINDO SUJEITOS, CONSTRUINDO IDENTIDADES E FORMAÇÃO DISCURSIVA.....	56
<b>5 O CORPO COMO PRODUTO OU SUBPRODUTO DE CONSUMO NA PÓS-MODERNIDADE.....</b>	<b>60</b>
<b>6 O PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>64</b>
6.1 TIPO DE PESQUISA.....	66
6.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	68
6.3 A CONSTITUIÇÃO E A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	70
<b>SEÇÃO III: A ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>74</b>
3.1 ANÁLISES DOS GÊNEROS DO TIPO COTIDIANO.....	75
<b>3.1.1 Anúncios.....</b>	<b>75</b>
3.2 ANÁLISE DO DISCURSO, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	82
<b>3.2.1 A entrevista.....</b>	<b>86</b>
<b>3.2.2 Blog e sites de relacionamento.....</b>	<b>88</b>
<b>4 A EDUCAÇÃO POR MEIO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

A decisão para realizar este trabalho com gêneros discursivos é para descrever a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais<sup>1</sup>. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Nesta perspectiva, os gêneros discursivos se relacionam com as práticas sociais. Essas práticas, desenvolvidas nos diversos domínios discursivos, mostram que o nosso comportamento discursivo numa igreja não pode ser o mesmo em um circo e que a nossa produção textual na universidade e em uma revista de variedades não será a mesma. Isso mostra que os domínios discursivos operam como “[...] como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros” (MARCUSCHI, 2005, p. 174).

Cabe informar que os domínios discursivos também produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros.

É importante ressaltar que, para este trabalho, antes de ir a campo coletar os gêneros discursivos que compõem este *corpus*, realizei uma pesquisa bibliográfica sobre o tema no Banco de Teses e Dissertações da Capes, considerando o período de 2006 a 2010. Para a escolha desse período, utilizei o critério de atualidade, visto que, em termos de discurso científico, trabalhos publicados há mais tempo poderiam não mais refletir a realidade atual, especialmente tendo em vista a própria dinâmica da ciência, cuja velocidade o discurso científico deve acompanhar.

Com esta pesquisa, verifiquei que, na área da Educação<sup>2</sup>, há um trabalho produzido sobre o tema e, em outras áreas do conhecimento, a produção é muito pouca. Por exemplo, entre os trabalhos sobre mulheres profissionais do sexo, na área da Psicologia<sup>3</sup>, encontrei o que versa sobre o papel ocupado pelas prostitutas

---

<sup>1</sup> Adequação a um conjunto de normas, entre elas, a concordância, a regência, a pontuação, o emprego correto das palavras quanto ao significado, a organização das orações e dos períodos, as relações entre termos, orações, períodos e parágrafos. Disponível em: < <http://www.portugues/a-linguagem-e-os-processos-de-comunicacao>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

<sup>2</sup> SOUSA, F. R. de; OLIVEIRA, M. W. de. **Saberes da noite**: processos educativos consolidados na prática da prostituição. São Paulo: UFSCar, 2010.

<sup>3</sup> KOCK, M. H. **Identidade**. São Paulo: ILEUSC, 2003.

no imaginário de uma pequena cidade e os fenômenos psicológicos presentes nas profissionais do sexo.

Na Sociologia<sup>4</sup> e no Serviço Social<sup>5</sup>, há trabalhos sobre as atividades características da prostituição e dos lugares que ocupam na engrenagem ideológica produzida pela classe dominante; outros versam sobre pessoas em condição distinta das desta pesquisa etc. Acrescento que a maioria dos trabalhos sobre prostituição advém da Sociologia, apoiados na obra de Michel Foucault e seus clássicos<sup>6</sup> sobre a sexualidade.

Nos trabalhos sobre prostituição, é recorrente a tentativa de entender como se constrói a identidade dos indivíduos que se dedicam ao ofício. Por exemplo, o de Espinheira<sup>7</sup> (1984), faz um estudo da prostituição e, em particular, dos indivíduos que se prostituem, a partir da perspectiva do estigma, compreendendo que seu comportamento, visto como desviante, apresenta um caráter totalizador, que se sobrepõe aos demais papéis e contagia as outras esferas da vida pessoal de seus praticantes.

Sobre a construção das identidades dos profissionais do sexo em diversas categorias, como mulheres, homens e travestis, encontrei o estudo de Fabregas-Martínez & Benedetti<sup>8</sup> (2000) que reflete a preocupação sobre esse aspecto totalizador da atividade, isto que, de fato, tem ampla repercussão na definição da identidade dos seus agentes.

Todavia, esse aspecto totalizador da identidade do indivíduo estigmatizado pode ser entendido dentro de um contexto menos essencialista, pois, no processo de construção da identidade da profissional do sexo, ocorre uma forte tensão entre esse aspecto totalizador da sua identidade e um espaço razoável para a negociação sobre este papel e todos os outros desempenhados.

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, A. **Reflexões sobre prostituição na contemporaneidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

<sup>5</sup> SILVA, D. R. da. **Perfil das mulheres em situação de prostituição no estado de Mato Grosso**. Mato Grosso: Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), 2007.

<sup>6</sup> FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 243-276.

FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 229-242.

<sup>7</sup> ESPINHEIRA, G. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

<sup>8</sup> FABREGAS-MARTÍNEZ, A. I.; BENEDETTI, M. R. (Org.). **Na batalha**: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

Assim, quando busco compreender de que modo as mulheres profissionais do sexo que se prostituem em Belém constroem suas identidades, e tomo como perspectiva um contexto relacional no qual elas são negociadas cotidianamente. Dentro dessa mesma perspectiva, alguns trabalhos, como os de Gaspar<sup>9</sup> (1985) e Freitas<sup>10</sup> (1985), apresentam algumas reflexões para o entendimento da construção da identidade da mulher profissional do sexo. Para isso, os autores tomam por base um contexto relacional entre os atores presentes no universo da prostituição.

Cabe ressaltar que os trabalhos citados utilizam vários métodos que são: pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, história oral entre outros. Há trabalhos em que as categorias conceituais aparecem a partir da análise de entrevistas. No presente estudo, o caminho é inverso: a categoria – identidade – é preestabelecida e tentarei identificá-la no grupo de sujeitos em questão.

Assim, o interesse em estudar os gêneros cotidianos<sup>11</sup>, usados por mulheres profissionais do sexo na Amazônia paraense em Belém/PA, aqui convertido numa proposta de projeto de pesquisa, advém do meu envolvimento pessoal e profissional no campo temático, construído não tão facilmente, como, às vezes, parece para a maioria das pessoas.

Ressalto alguns momentos em minha trajetória acadêmica fundamentais para o meu aprofundamento intelectual e para a produção desta dissertação.

Em 2001, decidi ingressar em um cursinho pré-vestibular, a fim de cursar uma Graduação. Não tinha ideia de qual seria, só sabia que queria algo que envolvesse história. Nesse cursinho, o professor de Literatura me incentivou a prestar o vestibular para Letras, argumentando que, nessa área, eu teria como alcançar meus objetivos pessoais e profissionais. Assim o fiz. Em 2002, fui aprovada para o Curso de Letras, na Universidade da Amazônia – UNAMA. Logo no início dessa Graduação, me pareceu começar a se delinear esse processo que ora vivencio, de forma significativa, plenamente.

Durante essa Graduação, no 2º ano, exerci a monitoria da disciplina Português I. Paralelamente a esta atividade, tive a oportunidade de inserção nos dois outros pilares acadêmicos, além do ensino: o da Extensão e o da Pesquisa.

---

<sup>9</sup> GASPAR, M. D. **Garotas de programa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

<sup>10</sup> FREITAS, R. S. de. **Bordel, bordéis**: negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>11</sup> Nesta pesquisa, os gêneros discursivos que compõem o *corpus*, devido a uma questão metodológica, são denominados de gêneros cotidianos. Utilizei essa nomenclatura, devido os gêneros analisados apresentarem o discurso do e sobre o sujeito desta pesquisa, entretanto, em diferentes meios de veiculação.

Após a monitoria, exercida em 2003 e 2004, comecei a trabalhar como revisora de textos do Núcleo de Educação a Distância – NEAD, da UNAMA, onde atuo até hoje. Ao final da Graduação, em 2005, tive meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado *E Elas... De Onde Vêm?*<sup>12</sup>, selecionado para ser publicado na no livro *Fio de Ariadne*<sup>13</sup>.

O ‘namoro’ com a Análise do Discurso<sup>14</sup>, doravante AD, passou a me fascinar como uma das áreas de estudo da Linguística, fortemente apoiado na filosofia e que, por tal suporte, demanda uma dedicação acadêmica direcionada pelo interesse e paixão.

Foi com os subsídios da AD, mais os suportes da Linguística Textual, que se cruzam interdisciplinar e transdisciplinarmente, os aportes teóricos-metodológicos que embasaram a constituição da Monografia<sup>15</sup> intitulada *Intertextualidade: uma liga extraordinária*, a qual tomei com material de análise o filme *A Liga Extraordinária*, em cuja narrativa todos os personagens principais ‘saltam’ de obras literárias – eternizadas no imaginário da própria história da sociedade – para o cinema, tal qual as citações de autores em obras que têm como suporte a escrita.

Além da satisfação pessoal e da realização profissional que ora sinto, e consciente da necessidade de avanços de titularidade acadêmica, me candidatei ao Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará. Ao propor a investigação de temas relacionados ao contexto educacional brasileiro e amazônico, como **saberes, representações, imaginários**, conhecimento e poder inerente às **práticas sócio-culturais e educativas** que têm como objetivos contribuir para a **construção de práticas sócio-educacionais**, ética, epistemológica e politicamente comprometidas com os saberes de grupos socialmente excluídos, bem como fortalecer a identidade cultural amazônica, linha de pesquisa do Mestrado em Educação, a qual esta proposta se vincula, justifico que a importância desta investigação se deve pela escassez de estudos sobre o funcionamento discursivo

<sup>12</sup> Estudo que tematiza a etimologia de palavras na função de sujeito, cujas fontes foram os discursos escritos, de caráter jornalístico e científico.

<sup>13</sup> Título dado a uma publicação sobre Iniciação à Pesquisa e Orientação do Trabalho Final de Graduação, do Curso de Letras da UNAMA e que reúne, a cada ano, os trabalhos recomendados pelas Bancas Avaliadoras. Trata-se, na verdade, segundo seus editores, de um prêmio à excelência acadêmica.

<sup>14</sup> Área da Linguística que estuda a utilização da linguagem com fins sociais, expressivos e referenciais (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

<sup>15</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização, realizado de 2006 a 2008, em Estudos Linguísticos e Análise Literária, na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

dos gêneros do tipo cotidiano, em especial, do discurso materializado (enunciados) nesse tipo de gênero como registro identitário das mulheres profissionais do sexo em Belém – PA.

A academia é um dos principais, senão o maior, centro de discussão e contribuição para o entendimento de aportes e suportes teóricos em torno dos estudos linguísticos no que diz respeito, por exemplo, aos gêneros discursivos, sobre o ensino da língua segundo as incursões científico-acadêmicas em torno das novas linguagens de circulação e interação social.

Dessa feita, para as minhas primeiras reflexões sobre questões de gêneros discursivos, do gênero como afirmação de uma normatização social em torno da prostituição, o arcabouço teórico provindo da Análise do Discurso, cujo universo teórico-metodológico deriva de abordagens multidisciplinares sobre o estudo da linguagem, me pareceu adequado e oportuno.

Para Bakhtin (2003), as atividades humanas, mesmo que sejam variadas, sempre se relacionam com a utilização da língua. Por isso, não é surpresa que o caráter e os modos dessa utilização variem como as atividades humanas. Entretanto, isso não contradiz a unidade nacional de uma língua, visto que o emprego da língua é feito a partir de enunciados (orais e/ou escritos), concretos e únicos que procedem e são integrantes de diversas esferas das atividades humanas. Assim, dadas as diferentes situações de uso, os enunciados:

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (p. 278).

Os gêneros do discurso são enunciados de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística que podem ser considerados a materialização das várias práticas sociais que permeiam a sociedade, articulados de tal forma que são imprescindíveis à vida em sociedade. Em síntese, os gêneros são a efetiva realização da linguagem oral e/ou escrita. Portanto, eles podem ser caracterizados conforme a atividade sócio-discursiva a que servem. Quando

conhecemos um gênero, conhecemos uma forma de realizar, linguisticamente, objetivos específicos em situações particulares.

Mesmo que em outros textos do Círculo<sup>16</sup>, os gêneros também sejam nomeados e definidos como forma de discurso social, Bakhtin (2003) opta pelo termo gêneros do discurso, definindo-os como tipos relativamente estáveis de enunciados ou formas relativamente estáveis e normativas do enunciado.

A estabilidade dos gêneros facilita a comunicação que seria difícil se, como diz Bakhtin (2003), os indivíduos não dominassem os gêneros de discurso e tivessem de criá-los no processo de fala. Por isso, as dificuldades da criação de um gênero a cada construção de enunciado de modo totalmente livre seriam sentidas na perda da agilidade do processo.

Também é evidente que em atividades de uso da linguagem, os gêneros se constituem como ferramentas para:

- interações sociais;
- reflexão sobre o desenvolvimento de competência de leitura e análise;
- compreensão dos processos de produção, consumo e distribuição de textos dentro da sociedade.

Desse modo, meu interesse no gênero cotidiano é examinar a construção das identidades nesse tipo de gênero, com o arcabouço teórico-metodológico da AD. Esta que precisa que se conheça os contextos institucionais e organizacionais da vida social contemporânea na formação das identidades do gênero discursivo.

Conseqüentemente, os gêneros cotidianos, selecionados para esta pesquisa, em busca de consumidores em potencial, direcionam os valores e a própria identidade do 'eu' e do 'outro'. Assim, as seguintes questões nortearão este estudo:

- Como esse gênero representa, em termos de conhecimentos e crenças, a "realidade específica" a que está relacionado?
- Que tipo de relações sociais esse gênero reflete ou estabelece?
- Quais as identidades ou os papéis sociais envolvidos nesse gênero?

Ao pensar nessas questões, é possível visualizar que os discursos modernos e pós-modernos são polifônicos, visto que se relacionam com o presente e o passado; são compostos de elementos recorrentes de outros discursos, que não

---

<sup>16</sup> Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido o grupo de pensadores de uma rede de profissionais preocupados com as formas de estudar linguagem, literatura e arte. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/filosofia-dialogo-487608.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

perdem a sua singularidade e, desse modo, asseguram o seu caráter intertextual para alcançar os seus objetivos

Por isso, esses discursos devem ser vistos como "momentos" nos quais se percebem a manifestação de conhecimentos e um processo de transformação de uma sociedade. Não é possível, então, isolar os atos de comunicação, a linguagem, os discursos. Ambos estão interligados a uma cadeia que tem significado efêmero e que, ao depender de um dado histórico, político, econômico ou cultural, pode tomar outras significações e formas (gêneros). E o homem – o sujeito principal dessas possíveis transformações – pode reescrever todo e qualquer discurso, seus usos e formas dentro do mundo 'real' ou 'imaginário'.

Logo, analisar um dado gênero, a partir da AD, é um aporte pertinente à construção social da realidade, por meio de atribuições de significados, pois cada enunciado ilustra ou espelha uma determinada possibilidade de utilização, expressa nos conteúdos verbais, figurativos, narrativos e temáticos.

Além disso, existem esferas de intenção, quase que definidas, no interior das quais os enunciados podem ser codificados e decodificados por uma comunidade de produtores e leitores até certo ponto definida. Essas esferas de acontecimentos, de acordo com Bakhtin (2003), são denominadas de gênero discursivo:

[...] A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são ilimitadas, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa. (p. 262).

Essa heterogeneidade dos gêneros discursivos, das vozes representadas nos textos e da própria autoria são características de um pensamento sobre a ciência que difere radicalmente da objetividade defendida pelo positivismo. Só recentemente, e sob críticas da comunidade acadêmica estabelecida, foi iniciado um debate questionando a contribuição social da Linguística (RAJAGOPALAN, 2003).

Cabe registrar, a necessidade de reflexão sobre os processos sociais contemporâneos, com as profundas transformações culturais, e a forma como os estudos da linguagem aí se situam. É no contexto dessa discussão que a AD tem uma contribuição a oferecer. Com origem na Linguística, e não por coincidência na década de 1970, a análise do discurso está voltada para a crítica social.



Nessa condição, a AD pode ser caracterizada como uma contribuição de linguistas e estudiosos de outras disciplinas que adotam essa perspectiva para o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação de gênero social, ao controle e à manipulação institucional, à violência, às identidades e à exclusão social.

Não é meu propósito nesta pesquisa distinguir as diferentes abordagens do discurso. O objetivo aqui é apresentar uma análise de gêneros discursivos, do tipo cotidiano, que circulam socialmente, possuem temas semelhantes, entretanto, diferentes meios de veiculação, focalizando a seguinte questão: quais são as características que emergem desse gênero a fim de examinar a construção das identidades de mulheres profissionais do sexo na Amazônia paraense em Belém/Pa?

Reafirmo que, para Bakhtin (2003), os gêneros de discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados que orientam o uso da linguagem em um determinado meio, revelando as tendências expressivas mais estáveis e mais organizado, acumulado ao longo de várias gerações de enunciadores.

Entretanto, para o autor, isso não significa afirmar que o gênero é conservador, visto que ele faz parte da dinâmica de uma cultura; e, por isso, as tendências manifestadas num gênero não se conservam *ad infinitum* e estão continuamente em transformação, embora, nesse mesmo instante, busquem garantir certa estabilização.

A rigor, é possível dizer que cada enunciado concreto é singular, visto que se apresenta de forma única; entretanto, foi produzido dentro de certa esfera de intencionalidades, para focalizar alguns acontecimentos; atingir certo público etc.

Por essas razões, defini, como objeto desta pesquisa, o discurso materializado no gênero cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo em Belém-Pa, a fim de descrever práticas sociais, segundo as condições materiais de suas realizações.

A análise, nesse sentido, nos desafia a ir além do olhar as práticas como dispositivos de reflexão, e, nessa direção, contemplá-las como práticas capazes de nos fazer problematizar o real, o que exige não apenas uma atitude de diagnóstico do que falta neste real, mas de proposição de 'travessias', ou passagens para outros modos inovadores de pensar\inventar esse real.

Assim, o objetivo geral deste estudo é:

- analisar o discurso do tipo cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo na cidade de Belém, na Amazônia paraense.

E os objetivos específicos são:

- identificar as condições de produção do gênero cotidiano no seu contexto de produção inter e intradiscursivamente – delimitado no campo da subjetividade – de mulheres profissionais do sexo;
- descrever o gênero do discurso no qual o anúncio se configura, como um texto de lugar da manifestação da ideologia, considerando-o como forma de visão sobre o mundo, que contribui para a formação da identidade do indivíduo;
- caracterizar o funcionamento discursivo estabelecido pelos modos de enunciação no gênero cotidiano.

Com base no exposto, esta dissertação organiza-se em quatro capítulos, cuja estrutura está esboçada no Sumário.

**Na seção I** apresento uma breve historiografia da prostituição desde a Antiguidade até o início do século XXI. Para isso, reconstruo o cenário desse período e descrevo alguns fatos relacionados à cultura e ao cotidiano para o ponto central: a existência da prostituta. A fundamentação teórica desta seção baseia-se em Rago (1991); Martin (2003), entre outros.

**Na seção II** descrevo os Aspectos Teóricos em que o objeto de investigação encontra-se inserido, à luz das contribuições da Análise do Discurso, enfatizando o lugar da linguagem nas relações sociais e como parte integrante de processos de mudança social.

O aporte teórico que fundamenta o debate deste capítulo corresponde às concepções propostas por Bakhtin (2003; 1981) e Rojo (2005) sobre a análise de gêneros discursivos.

Acrescento que, nesta seção, apresento também o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa, cujo objetivo foi o de analisar o gênero discursivo do tipo cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo na cidade de Belém, na Amazônia paraense. Este capítulo baliza, à luz de vários teóricos, como Bakhtin (2003; 1981); Fairclough (2003); Marcuschi (2005); Martin (2003); Orlandi

(1988a; 1988b; 1999) entre outros, o movimento que esta pesquisa se dispôs a fazer para validar a análise dos dados coletados no contexto já definido.

**Na seção III**, relacionada à Análise dos Dados, descrevo, explico e interpreto os dados à luz dos estudos da Análise do Discurso, em consonância com a teoria de Bakhtin (2003; 1981).

As Considerações Finais mostram que os gêneros, selecionados para esta pesquisa, dizem respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas e descrevem como práticas sociais mudam e permitem a estabilização de um gênero. E, por fim, Referências, nas quais informo as fontes de consulta utilizadas para o aporte teórico desta pesquisa.

## SEÇÃO I: A LINHA DO TEMPO PARA A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO

“O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente”.

(Gabriela Leite<sup>17</sup>)

A prostituição como fenômeno na sociedade brasileira é uma constante desde a Colônia. É objeto de estudo das ciências sociais a partir da segunda metade do século XX, mas quanto à produção historiográfica existem poucas obras com o objeto prostituição em destaque no Brasil. Um fato irrefutável, esquecido da historiografia oficial, por ser marginal à história, é o de que a prostituição permeia todas as classes de uma sociedade, afirma Rago (1991).



Fig. 1- Interior de um bordel, pintura de Henri de Toulouse-Lautrec.

Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri\\_de\\_ToulouseLautrec\\_012.jpg#filehistory](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri_de_ToulouseLautrec_012.jpg#filehistory)>.

Acesso em: 23 jan. 2012.

<sup>17</sup> Foi prostituta da Boca do Lixo, em São Paulo, e da Vila Mimosa, no Rio de Janeiro, cursou Sociologia na Universidade de São Paulo, mas não chegou a se formar. No livro *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*, publicado pela editora Objetiva, ela narra sua trajetória desde a infância vivenciada no casarão da Rua Domingos de Moraes, na Vila Mariana, à criação da grife Daspu em 2005. Disponível em: <<http://grupodeestudotrabalhossexual.wordpress.com/2010/11/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

A primeira imagem, criada sobre a prostituição na Amazônia paraense, ocupa o nosso imaginário com cenas típicas da cidade de Belém, na Riachuelo, rua, onde mulheres vagam dias e noites com roupas extravagantes desde o início do século XX, conforme Ferreira (2003). Agora, na contemporaneidade, existem outras maneiras de ofertar serviços sexuais, como: o anúncio no jornal, redes sociais etc.

Nesse momento, apresento um breve histórico da prostituição na Antiguidade (Grécia, Roma e França) e, para isso, reconstruo o cenário desse período e descrevo uma série de fatos relacionados à cultura e ao cotidiano para o ponto central: a existência da prostituta. Após essa exposição, No tópico seguinte apresento considerações sobre a mudança dos meios de se obter sexo pago atualmente.

## 1 ATENAS SEM HIPOCRISIA

“Todas elas ficam nuas, para não enganá-lo. Observe-as com atenção. Talvez você não se sinta em forma, ou esteja preocupado. Vamos! A porta está bem aberta, o preço delas é uma ninharia. Vamos lá! Nada de cerimônias, nada de futilidades. Ela não se nega a nada, na hora certa fará o que você quiser e de maneira que você quiser. Você vai embora? Você pode mandá-la se enforcar, ela não significa nada para você!”

(Filêmon 361-262 a.C)

Na Grécia, as relações pagas com mulheres – ou com homens – não eram condenadas. Muito pelo contrário, eram organizadas pelo estado e devidamente regulamentadas. Sem falsos pudores, os clientes ficavam satisfeitos.

Em Atenas, a prostituição havia sido estatizada pelo grande legislador Sólon para satisfazer os jovens cidadãos. A maior parte das casas “solonianas” ficava no populoso bairro Cerâmico ou perto das muralhas da cidade, e as tarifas dos serviços oferecidos nesses lugares eram fixadas pelo Estado. Os *astynomi* (espécie de inspetores de polícia da época, responsáveis pela manutenção de ordem pública) zelavam para que as taxas fossem respeitadas e inspecionavam as casas de tolerância para verificar se as prostitutas haviam sido adquiridas legalmente e não eram mulheres livres.

Os lupanares<sup>18</sup> atenienses tinham que pagar um imposto, o *pornikon*, que a cada ano era arrecadado pelo *boulé* (espécie de senado ateniense). O terreno e a

<sup>18</sup> Proprietários de casas licenciadas (lupanar) para a prática da prostituição. Disponível em:

casa onde funcionavam as casas solonianas geralmente pertenciam a cidadãos ricos, e os clientes eram atraídos pelas cafetinas, que abordavam os homens na rua. Umaz diziam: “\_Venha a minha casa! Lá tem uma bela moça”. Outras gritavam do alto da sacada: “\_Tenho a mais bela e a mais branca!”<sup>19</sup>



Fig. 2 – Prostituta em um lupanar.

Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

As prostitutas, chamadas *pornai* (“mulheres à venda”), eram escravas compradas no mercado e instaladas em pequenas celas fechadas por uma cortina durante o “programa”. Não precisavam ser belas ou sedutoras, mas deviam satisfazer sem reclamar os caprichos dos clientes que se sucediam em suas camas durante todo o dia. As *pornai* formavam a categoria mais baixa das prostitutas. Mulheres sem nome, sem rosto, sem palavra, elas eram simples objetos sexuais nas mãos dos clientes dos bordéis. Essas casas, porém não obrigavam apenas profissionais do sexo feminino. Entre seus pensionistas havia também rapazes, que eram muito apreciados pelos gregos.

---

<<http://www.espacoacademico.com.br/063/63ebert.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

<sup>19</sup> Disponível em: <[www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)>. Acesso em: 25 jul. 2011.

Um nível acima dessas “operárias” do sexo estavam as auxiliares de banquetes, jovens que, além de belas, tinham algum talento artístico. Flautista ou dançarinas, eram prostitutas alugadas por um cafetão para animar os simpósios, reuniões realizadas após o jantar nas quais os homens atenienses se encontravam para desfrutar dos mais variados prazeres. Além do vinho, cujo consumo obedecia a regras muito precisas, a presença de mulheres decorativas favorecia a euforia dos convivas.

Nem todas as profissionais do sexo em Atenas, porém, estavam submetidas ao controle de um cafetão. Havia também as *hetairas*, cortesãs de luxo que trabalhavam por conta própria. Exemplo único de mulher independente na Grécia antiga, a *hetaira* era uma escrava liberta e enriquecida ou uma estrangeira vinda espontaneamente a Atenas para comercializar seu corpo. Elas circulavam livremente na cidade e partilhavam temporariamente a vida dos homens a quem ofereciam seus serviços; eram belas, tinham bons modos e um verniz cultural que lhes permitia participar das conversas dos homens importantes que frequentavam. Vestiam-se bem e andavam sempre maquiadas e cobertas de joias, contrastando com a austeridade das “mulheres honestas”.

As *hetairas* mais célebres alugavam a sua companhia por dia, por mês ou por ano a clientes ricos para arcar com as despesas das moças. Ninguém se espantava ao vê-las em cerimônias oficiais ao lado de personagens importantes. Geralmente, elas viviam na casa do amante durante o tempo da locação. O filme americano de 1990, *Uma Linda Mulher*<sup>20</sup>, dirigido por Garry Marshall é um exemplo disso .

A fama de algumas dessas mulheres atravessou os séculos. Por exemplo, Aspásia de Mileto viveu durante mais de 16 anos do lado de Péricles, o pai da democracia ateniense, e desempenhou de fato o papel de “primeira-dama” da *polis*. Taís foi amante de Alexandre, o Grande. Frineia, muito bela que Apeles a tomou como modelo de sua estátua de Afrodite. Ela juntou uma enorme fortuna, que depois da destruição de Tebas por Alexandre, em 336 a.C, se propôs a reconstruir a

---

<sup>20</sup> Magnata perdido (Richard Gere) pede ajuda a uma prostituta (Julia Roberts) que “trabalha” no Hollywood Boulevard e acaba contratando-a por uma semana. Neste período, ela se transforma em uma elegante jovem para poder acompanhá-lo em seus compromissos sociais, mas os dois começam a se envolver e a relação patrão/empregado se modifica para um relacionamento entre homem e mulher. Disponível em: < <http://www.baixarfilmesdublados.net/baixar-filme-uma-linda-mulher-dublado/>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

muralha da cidade com a condição de gravar nos novos muros a seguinte inscrição: “Alexandre a destruiu. A prostituta Frineia a reconstruiu”<sup>21</sup>.

Um documento do século IV a.C. revela detalhes do universo dessas cortesãs de luxo. Trata-se de um discurso chamado *Contra Neera*, erroneamente atribuído ao orador Demóstenes. O verdadeiro autor da peça, Apolodoro, acusava o ateniense Estéfano de ter se casado com uma estrangeira, o que era proibido pela lei da cidade. Para provar que a moça, chamada Neera, não havia nascido na cidade, Apolodoro investigou minuciosamente o passado da mulher e provou que ela não era uma forasteira, como também vivera da prostituição toda a vida.

Neera fazia parte de um lote de sete meninas compradas no mercado de escravos de Corinto por uma liberta, Nicareta, que as transformou em prostitutas. As garotas começaram cedo no ofício. Não tinham sequer completado 7 anos e já eram oferecidas aos homens da cidade. Políticos célebres e notáveis, como Lísias, o orador ateniense, frequentavam a casa da cafetina.

Quando chegaram à adolescência, as sete pensionistas de Nicareta entraram oficialmente para os meios mais refinados de Corinto. Seus “serviços” eram requisitados por homens muito ricos, e a fama de Neera era imensa que, às vezes, a moça ia a outras cidades para atender algum cliente. Habituada a uma vida luxuosa, a jovem era muito exigente e pedia o tempo todo a seus clientes roupas e acessórios caros, móveis de alto preço. Timanorides de Corinto e Eucrates de Leucade, cansados de ter que pagar sempre, decidiram comprar Neera de Nicareta.

Os novos proprietários da moça se serviam dela, segundo o princípio da “guarda alternada”, estabelecida de comum acordo. Quando ambos decidiram se casar, eles se separaram de Neera. Como a jovem devia comprar sua liberdade, os dois estabeleceram um preço bem inferior ao que haviam pagado sob a condição de que ela jamais voltasse a Corinto. Para juntar a soma necessária, Neera recebeu presentes de todos os seus antigos amantes e entregou o dinheiro ao ateniense Frínio, que comprou de modo fictício a liberdade da moça.

Liberta, Neera foi com Frínio para Atenas, onde o acompanhou nas festas dos jovens libertinos da cidade. Em um banquete, o casal bebeu tanto que os convivas e até os escravos abusaram de Neera.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <[www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)>. Acesso em: 25 jul. 2011.



Depois de desavenças com Frínio, ela fugiu da casa dele, levando suas roupas e joias. Foi viver em Megara, perto de Atenas, para exercer sua profissão como trabalhadora “independente”, mas logo se desiluiu. Acostumada a viver no luxo, não ganhava o suficiente para manter sua casa, suas quatro escravas e as três crianças pequenas que tivera em Megara. Era impossível voltar a Atenas, pois ela temia a ira de Frínio. Tampouco podia retornar a Corinto, onde, em virtude do acordo, firmado com Timanorides e Eucrates, ela corria o risco de voltar a ser escrava.

Neera encontrou, então, um aliado no ateniense Estéfano, que fez um acordo amigável com Frínio. Trouxe Neera para sua casa, apresentando-a como sua legítima esposa, o que permitiu ao casal dar vários golpes muito rentáveis. Quando um rico e ingênuo cliente aparecia, Neera vendia seus favores a peso de ouro. Estéfano fingia surpreendê-los em pleno delito de adultério, o que o autorizava – segundo a lei ateniense – a matar o amante de sua mulher. Graças ao ardil, ele podia extorquir elevadas somas do cliente em troca de sua “clemência”.

No entanto, Neera envelhecia e os amantes começaram a rarear. Sua filha, Fano, assumiu o lugar da mãe. Estéfano apresentou a menina e os dois irmãos como seus filhos. Fano passou a se prostituir com os antigos clientes de sua mãe, mas um deles se recusou a pagar pelos serviços da jovem e acusou Estéfano de agenciar a própria filha e chantagear os amantes desavisados. Diante dos juízes, o “pai” de Fano se “derramou” em lágrimas, o que evitou a condenação.

A última armação de Estéfano e Neera, porém, os levou a ruína. Eles entregaram Fano para que se casasse com o jovem Teógenes, designado arconte-rei, legislador máximo de Atenas. O cargo conferia a seu detentor um grande poder sobre a religião da cidade, e sua esposa presidia todas as cerimônias reservadas às mulheres. Para responder aos rumores que circulavam a respeito de Fano, o conselho de Areópago realizou uma investigação e descobriu o segredo. Um processo foi aberto contra Estéfano, acusado de fazer uma prostituta estrangeira se passar por sua esposa e Fano por sua filha. O discurso *Contra Neera* foi pronunciado durante esse processo.

Essa peça é um documento que mostra o mundo dos prazeres nas cidades gregas. Por meio da vida de Neera, é possível conhecer os aspectos da prostituição antiga: as meninas entregues aos clientes, a notoriedade das *hetairas* nas classes mais altas da sociedade, o luxo em que viviam e o recurso à chantagem e à trapaça.

Graças à história dessa mulher, é possível saber, hoje, como era a vida das mulheres profissionais do sexo que circulavam pelo submundo de Atenas.

## 2 NO COVIL DAS “LOBAS” DE ROMA

Os prostíbulo do tempo dos césares foram imortalizados pelo famoso bordel de Pompeia. Preservada pelas cinzas do Vesúvio, a casa revela como trabalhavam as escravas de sexo nas cidades do maior império da Antiguidade.

Entre as residências encontradas em Pompeia, uma das mais surpreendentes é a que funcionava como bordel, situada em um cruzamento perto do centro da cidade. Na rua, uma placa, com a representação de um falo gigante, indicava a localização da casa. A porta principal se abria para um átrio, grande cômodo principal comum nas casas romanas, rodeadas por cinco pequenos cubículos. Outra porta, mais discreta, dava para uma escadaria, que levava a outros cinco aposentos, mais espaçosos.



Fig. 4 – Prostituta em exposição para clientes.  
Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

A mobília no interior dos minúsculos cubículos se resumia a uma base de alvenaria, sobre a qual eram empilhadas almofadas. Esses cômodos, que mais

pareciam celas de prisão, eram mal iluminados por uma abertura feita na parede, e a intimidade era preservada por uma simples cortina. Em cima da porta de cada quarto, pinturas murais deixaram claro quais eram as especialidades sexuais de cada ocupante. Por fim, no térreo havia um pequeno espaço reservado ao proprietário ou à proprietária do estabelecimento, a partir do qual ele ou ela vigiava discretamente os clientes, zelando pela ordem do local e garantindo que ninguém saísse sem pagar.

O bordel de Pompeia é um exemplo perfeito dos prostíbulos que existiam em todo o Império Romano. Apesar do aspecto sórdido, o local era um espaço privilegiado para o exercício da “profissão mais antiga do mundo”.

Em uma metrópole como Roma, era o bairro popular de Suburra que abrigava as casas de tolerância mais miseráveis. Em celas imundas, que se abriam diretamente para as vielas, mulheres eram oferecidas aos passantes, postadas nuas sobre um banquinho. Um letreiro indicava o preço a ser pago. Quando elas estavam ocupadas com um cliente, um pedaço de pano, esburacado por curiosos com a ajuda de alfinetes, protegia tanto quanto possível a cela do bordel.

Na verdade, os estabelecimentos que ofereciam sexo pago em condições razoavelmente decentes eram em geral os albergues ou cabarés. O bordel de Pompeia, por exemplo, ficava ao lado do hotel de Sitilius e funcionava como uma espécie de anexo da hospedaria.

A distribuição interna dos cômodos nessas tabernas era quase sempre a mesma: no térreo, bebia-se, comia-se e jogavam-se dados clandestinamente. As empregadas eram atraentes e sabiam distrair os clientes dançando de modo sensual ao som de crótalos (espécie de castanholas). Se algum dos convivas se empolgasse, podia estender a noitada, contratando os serviços de uma moça e levando-a para um dos quartos do primeiro andar do estabelecimento reservados para o sexo pago, atividade extremamente lucrativa para o taberneiro.

Após o ato, os clientes avaliam o desempenho das prostitutas e muitas vezes deixavam seu veredicto, registrado nas paredes dos quartos, como acontecia em Pompeia. Alguns visitantes, porém, se queixaram de certas moças que lhes transmitiram uma doença venérea.

A utilização de tabernas como casa de tolerância era tão comum que passar a noite em um desses estabelecimentos era considerado uma desonra para um

homem de bem. Além disso, na legislação romana “taberneiros e proprietários de albergues” eram quase sinônimos para cafetão.

“Caçadores” profissionais circulavam pelos locais frequentados pelos viajantes para levá-los ao bordel ou ao cabaré. Registros encontrados em albergues de Pompeia revelam quem era a clientela dessas prostitutas de bordel: pequenos comerciantes, militares, tropeiros, cocheiros, estivadores e atores em turnê (VEYNE, 2008). Os viajantes de posição social mais elevada eram recebidos por cortesãs oficiais de mais alto nível e não precisavam frequentar aqueles estabelecimentos precários.

Apesar dessa distinção social, os romanos não se chocavam com o fato de adolescentes de boa família fazerem seu aprendizado sexual com as “lobas”, termo popular que designava as prostitutas na época.

O prostíbulo, no entanto, não era o único espaço de atuação das profissionais do sexo. Para muitas moças que não eram pensionistas regulares dessas casas, o trabalho começava pela prostituição nas ruas da cidade. Elas podiam ser vistas nos lugares mais frequentados pelo público, como: as vias comerciais, os pórticos ou passeios cobertos, as arenas e anfiteatros. As mais decrépitas chegavam a buscar seus clientes nos terrenos baldios frequentados por vagabundos, como o Trastevere, em Roma, ou entre os túmulos nos arredores da cidade.

As “lobas” eram, em sua maioria, escravas de um *leno* ou *lena* (como eram chamados os cafetões e cafetinas em Roma) e em geral vinham da Grécia ou do Oriente. Esses agentes percorriam as feiras e mercados do mundo mediterrâneo, onde compravam adolescentes de ambos os sexos para trabalhar em seus estabelecimentos. Os jovens eram, de maneira geral, crianças abandonadas no nascimento (como era permitido pelos costumes romanos) ou criadas por piratas. Acontecia ainda de mães sem recursos venderem suas filhas a esses cafetões. Na qualidade de escravas, as prostitutas não tinham nenhum direito ou garantia jurídica. Sua única esperança era serem libertadas. Quando isso acontecia, não era raro que se tornassem, elas mesmas, cafetinas.

O *leno* tinha todos os direitos sobre seu plantel humano, e era ele quem recebia o dinheiro pago pelos clientes em uma noite de prazer. Essa quantia variava de dois a oito *asses* (moeda de cobre usada em Roma), uma soma bastante modesta, visto que uma dose de vinho ordinário custava um *asse* em qualquer taberna. O *leno* zelava pelo bom rendimento de suas “protegidas” e ainda

embolsava os presentinhos que elas recebiam dos amantes. Quando tinha pensionistas bonitas, que soubessem cantar e dançar, ele as alugava a particulares ricos por uma noite. Verdadeiro tirano, detestado por todos, o *leno* exigia muito de suas moças, a quem prometia ou a liberdade (o que era bastante improvável), ou uma temível punição, que consistia em deixá-la trabalhando em um anexo, frequentado pelos párias da sociedade romana. Alguns desses cafetões não hesitavam em prender em torno do pescoço de suas pensionistas uma coleira de bronze em que eram gravados o nome e o endereço do senhor, para que fossem encontradas em caso de fuga. O ofício de *leno* era uma atividade infame em Roma, e quem a praticasse não podia exercer nenhum cargo público.

No caso de moças mais jovens e mais procuradas, que contribuíam para o prestígio do estabelecimento de seu *leno*, a beleza era um elemento indispensável. Para evitar confusão, elas eram proibidas de usar a túnica longa das mulheres livres, e por muito só puderam se apresentar em público envolvidas por uma longa toga castanha. Para se diferenciarem das mulheres “direitas”, elas se enfeitavam com exóticas túnicas transparentes, coberta de franjas ou bordados, e com o tempo passaram a usar trajes de cores chamativas, como o verde e o amarelo vivo. Elas cuidavam da silhueta com regimes apropriados, até se tornarem uma figura “imperceptivelmente mais espessa que um ramo de palha” (VEYNE, 2008, p. 23).

Para maquiagem o rosto, usavam o branco do alvaiade e o vermelhão e marcavam as sobrancelhas de negro. Cobriam o corpo de colares volumosos, braceletes, tornozeleiras, brincos faiscantes de pedrarias, verdadeiras ou falsas, e usavam altas perucas.

Todo esse luxo, no entanto, só era reservado a uma minoria das prostitutas, aquelas que o *leno* destinava aos clientes ricos. A maioria das moças públicas não tinha acesso a esses endereços: mal alimentadas, pálidas, encardidas, grosseiramente maquiadas com farinha ou fuligem, elas não conseguiam seduzir mais do que vagabundos e escravos bêbados.

Apesar de seu aspecto sórdido, o mundo da prostituição fascinava e alimentava fantasias. A tal ponto que na época do império algumas mulheres da alta sociedade quiseram experimentar esses prazeres duvidosos. No ano 19 de nossa era, Vistília, esposa do governador da Gália narbonesa, se apresentou às autoridades para declarar oficialmente que renunciava à sua posição na nobreza para poder se prostituir (VEYNE, 2008).

O pedido foi recusado com indignação pelo senado, que deportou a dama para uma ilha. Mas Vistilia devia ter rivais, porque nesse mesmo ano um decreto do senado proibiu que homens e mulheres nascidos livres se dedicassem à prostituição. Como escreveu o historiador Tácito, sobre essas imoderações de nobreza: “[...] o excesso de infâmia leva ao grau mais elevado de gozo aqueles que já esgotaram outros prazeres” (VEYNE, 2008, p. 26).

### **3 O PARAÍSO E O REFÚGIO DOS LIBERTINOS**

A implacável moral de igreja na Idade Média não foi capaz de acabar com o sexo pago. Resignados, os reis preferiam fazer os bordéis a válvula de escape de uma libido que podia se transformar em violência sexual.

Prática comum na Antiguidade, a prostituição sobreviveu à rígida moral imposta pela igreja Católica na Idade Média. O caso da França é exemplar: em 1254, o devoto rei Luiz IX baixou um decreto ordenando que todas as prostitutas fossem expulsas das cidades e aldeias e que seus bens fossem confiscados. Dois anos depois, porém, o monarca teve de voltar atrás. Em uma ordem de 1256, o tom já era outro: ele afirmava que era preciso afastar as mulheres de má vida das ruas onde viviam os cidadãos honrados, das igrejas, dos conventos e dos cemitérios e, na medida do possível, mandá-las para fora das muralhas. Ou seja, como era impossível eliminar a prostituição, o rei pretendia, pelo menos, confiná-la em bairros específicos das cidades.

O recuo do monarca ilustra bem o impasse dos defensores dos bons costumes: por um lado, a igreja condenava as mulheres que vendiam o próprio corpo; por outro, em uma época em que os estupros eram frequentes, a prostituição era vista como uma forma de proteger a virtude das moças de boa família e conter práticas condenadas pela religião, como: a sodomia e a masturbação.

A solução, portanto, foi institucionalizar o sexo pago. Ao longo dos séculos XIV e XV, as autoridades municipais passaram a administrar os bordéis e publicaram diversos decretos definindo regras para a prostituição: o ofício só poderia ser praticado em ruas e horários específicos, e as meretrizes eram obrigadas a usar um traje especial que as distinguiu das mulheres “direitas”.

Os bordéis públicos foram construídos em várias cidades da França. O de Tarascon, por exemplo, tinha um pátio, um jardim, uma cozinha, uma sala e quatro

quartos. O de Dijon, por sua vez, era formado por três blocos de apartamento construídos em torno de um jardim e tinha 20 quartos grandes, além de um vasto salão. As mulheres atraíam os clientes na cidade e os levavam a essas casas.



Fig. 5 – Prostitutas no bordel.

Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

Além dos estabelecimentos controlados pelo Estado, havia os pequenos bordéis privados, onde as cafetinas colocavam duas ou três mulheres à disposição dos clientes. Hospedarias e casas de banho particulares, muitas vezes, se transformavam em local de trabalho para meretrizes apesar da proibição oficial. Segundo Rossiaud (1992), havia quatro níveis de prostituição na França medieval: as casas públicas, os banhos, os bordéis particulares e as meretrizes autônomas.

Em geral, os homens iam ao bordel em grupo. Quando não era “fiscado” em uma taberna, ou mesmo na rua, e levado ao prostíbulo, o cliente se dirigia diretamente à casa de tolerância. Lá, era recebido pela “abadessa”, como era chamada a proprietária ou administradora do estabelecimento que, na maioria das vezes, era casada e trabalhava com o aval do marido.

As mulheres que exerciam o ofício nessas casas raramente começavam como pensionistas de um bordel público. Rossiaud (1992) informa que a faixa etária indicava claramente as “etapas” da carreira. As prostitutas de rua tinham por volta de 17 anos; as camareiras de banho, 20; e as pensionistas de bordel, em torno de 28. Em geral, as mulheres começavam se prostituindo ocasionalmente, mais ou menos instigadas por um companheiro, depois passavam a camareiras nos banhos e, por fim, quando já não eram jovens, a ponto de encantar a clientela dos banhos, iam parar no bordel.

Elas pagavam um aluguel semanal a chefe (ou ao chefe, em alguns casos) e não podiam receber garotos muito jovens ou homens casados. Embora o cliente não pudesse ir para a cama com duas mulheres, estas podiam receber vários homens ao mesmo tempo, contanto que não fossem parentes. O “passe” custava um *blanc* na região do vale do rio Ródano, o equivalente a meia jornada de trabalho feminino na colheita da uva.

Muitas mulheres se prostituíam devido a um estupro ou empurradas pela miséria. Para os homens da Idade Média, a mulher era ou pura ou pública. Por isso, a que tivesse sido violentada, apesar de sua inocência, muitas vezes, não encontrava outra opção, senão a de oferecer seus serviços como mulher pública. Além disso, em uma época de epidemia, guerra e crise econômica, vender o próprio corpo era uma forma de garantir o sustento de cada dia.

O que fazer, porém, quando a beleza desaparecia? Algumas prostitutas se tornavam cafetinas. Outras se recolhiam em conventos criados para acolher as pecadoras arrependidas. Por fim, umas poucas conseguiam se reinserir na sociedade casando-se com antigos clientes.

Em todos os casos, essas mulheres profissionais do sexo cumpriram, ao longo de toda a Idade Média, um importante papel para a manutenção da ambígua ordem moral da época, rigorosa ao extremo com as mulheres “direitas” e bastante flexível com os homens. Afastados dos olhos da sociedade “de bem”, os bordéis eram a válvula de escape, onde nobres e plebeus podiam dar vazão aos desejos reprimidos pela igreja.

Entretanto, depois de séculos de tolerância, Luiz XIV transformou a prostituição em crime e ordenou a prisão de todas as meretrizes em atividade na França em 1684. A partir do século XVII, o sexo pago se tornou caso de polícia.



No início da Idade Moderna, a política dos monarcas franceses em relação à prostituição mudou radicalmente. A virada começou em 1560, quando o rei Henrique II baixou um decreto ordenando o fechamento dos bordéis em todas as cidades do reino. A partir de então, o trabalho das meretrizes deixou de ser visto como um serviço público que impedia de estupro, a homossexualidade e o adultério e passou a ser duramente reprimido.

Sob a pressão dos moralistas protestantes e católicos, os reis adotaram medidas cada vez mais duras. O fechamento de bordéis e de banhos públicos e a vigilância policial cada vez maior sobre cabarés e albergues levaram as prostitutas a se esconder e cair na clandestinidade e na ilegalidade. O clima de caça às bruxas atingiu o ápice em 1684, quando Luiz XIV, o Rei Sol, transformou a prostituição em crime e ordenou a prisão das meretrizes em atividade na França.

Prostitutas e cafetinas passaram a ser confinadas no Hospital Geral da Salpêtrière, em Paris, e em outras cidades a pena podia incluir castigos humilhantes, como a flagelação pública em Amiens ou o aprisionamento em uma gaiola de ferro em Baiona. O objetivo da nova política era regenerar as meretrizes por meio do trabalho, da disciplina e da religião. Elas deviam expiar seus crimes contra o casamento, a família e a ordem pública, pois denegriram os bons costumes e a tranquilidade pública, e podiam contaminar a sociedade com seu comportamento depravado ou com as doenças venéreas que transmitiam.

Para garantir a aplicação de castigo exemplar, os policiais as tratavam de forma humilhante desde o momento em que eram presas. Em Paris, por exemplo, uma vez detidas, eram primeiro mandadas para a prisão de São Martinho, depois conduzidas em comboio ao tribunal de polícia onde eram julgadas sob as vaias do público. Condenadas, deviam escutar a sentença de joelhos, enquanto sua cabeça era raspada. Em seguida, seguiam para o Hospital da Salpêtrière em uma charrete aberta, sob os insultos e cusparadas da população.

Ao chegarem ao hospital, eram separadas em função da gravidade de seus delitos: as “prostitutas” iam para ala comum; as “mulheres depravadas”, menos culpadas que as primeiras e que podiam recuperar a virtude, iam para a chamada ala de correção; por fim, a prisão do hospital era reservada às moças detidas por ordem de rei: ladras marcadas com um *V* (de *voleuses*) ou com uma flor de lis e as criminosas condenadas à prisão perpétua. As mulheres de posses, que pagavam uma pensão, eram enviadas à Prisão de La Force, situada em outro lugar da cidade.

As “mulheres depravadas”, presas na ala de correção, eram encarregadas a pedido de suas famílias, que mandavam para os hospitais gerais suas filhas “libertinas, depravadas ou preguiçosas”, para que se regenerassem por meio do trabalho.

Na ala comum, o regulamento era muito rígido: as mulheres passavam a pão seco e água, vestiam uma túnica de lã rústica e tamancos, dormiam sobre a palha com apenas um cobertor e celas lotadas, e submetidas aos trabalhos mais difíceis e mais longos (carda e fiação de lã). Se resistiam ou se revelavam, eram chicoteadas, colocadas no pelourinho (presas a um pilar por um colar de ferro) e podiam até ser enviadas à sala das “angústias”, espécie de calabouço sórdido que servia de sala de tortura. Sua “regeneração” incluía também uma reeducação religiosa: deviam rezar de manhã e à noite por um quarto de hora, escutar o catecismo durante o trabalho e as refeições, e assistir à missa todos os domingos e feriados (ROSSIAUD, 1992).

Além de mandar as prostitutas para a prisão, o Rei Sol apoiou a criação de abrigos privados para meretrizes arrependidas. Esses asilos eram administrados por comunidades religiosas, e seu objetivo era ajudar as moças a mudar de vida por meio de expiação dos pecados.

Fundada em 1686, por um viúvo protestante e cortesãs arrependidas, a Comunidade das Mulheres do Bom Pastor era considerada um estabelecimento modelo. As 120 mulheres que viviam no local tinham a cabeça raspada, usavam tamancos de madeira e vestiam-se com um vestido rústico e meias de lã. Levantavam-se às 5 horas da manhã, rezavam até 7h30 e depois trabalhavam em silêncio por todo o dia até às 22 horas. As únicas pausas eram reservadas às missas, às leituras religiosas e aos três exames de consciência diários em que deviam confessar seus pecados diante de toda a comunidade e se arrepender (ROSSIAUD, 1992).

O incentivo à criação desses abrigos fez parte de uma mudança na política repressiva no final do reino de Luís XIV. Em um decreto de 1713, o monarca tentou pôr fim aos abusos policiais, distinguindo a prostituição pública da prostituição ocasional e estabelecendo punições diferenciadas para cada caso.

Os esforços do Rei Sol para acabar com o mercado do sexo na França, porém, foram em vão. Após sua morte, a prostituição não diminuiu. Muito pelo contrário: no século XVIII, o meretrício aumentou muito, principalmente em Paris, onde observadores contemporâneos chegaram a registrar a cifra de 25 mil

prostitutas trabalhando na cidade. Passada a época da perseguição, o século das Luzes anunciava a era de ouro da libertinagem.

Assim, com uma nobreza decadente e sedenta de sexo; cafetinas e cortesãs circulando por todos os lados na corte; filósofos questionando a moral do Antigo regime: a França era o lugar ideal para os amantes do pecado no século XVIII.

Até hoje, o século XVIII francês é lembrado como a idade de ouro das cortesãs de luxo e de uma nobreza devassa imortalizada por escritores e artistas como Marivaux, Crébillon, Lancret, Boucher, Restif de La Bretonne e o mais famoso de todos: o marquês de Sade. Com a morte de Luís XIV, em 1715, a moral repressiva de seu reinado foi substituída pela liberalização dos costumes, e o mercado do prazer voltou a prosperar. Pelos jardins do palácio real da capital circulavam, dia e noite, “alcoviteiras” oferecendo suas “meninas”, algumas das quais chegavam a correr pelas redondezas em roupas íntimas, como mostram os registros da época. Por todo lado, o desejo voltava a se insinuar, e Paris se tornou o paraíso da libertinagem (ROSSIAUD, 1992).

Isso acontecia mesmo que as leis do tempo do Rei Sol não tivessem sido revogadas. Elas continuaram em vigência, mas agora não havia mais a vigilância ferrenha de uma “polícia dos costumes”, como na época de Luís XIV. As forças da ordem não estavam mais de fato empenhadas em acabar com a prostituição. Os agentes atuavam quando algum escândalo incomodava a vida íntima dos poderosos e dos homens de letra para produzir dossiês comprometedores.

Foi nesse ambiente que as profissionais do sexo passaram a agir mais livremente. Para não serem detidas, muitas se apresentavam como dançarinas ou atrizes de Ópera ou da *Comédie Française*. Assim não podiam ser presas e levadas ao Hospital de Salpêtrière. Sob esse disfarce, muitas delas conquistaram o coração de importantes figuras da nobreza. O príncipe de Conti, por exemplo, apaixonou-se por uma dançarina da *Comédie Française*, a *demoiselle* Testard, e o duque Luís Felipe II de Orléans teria recorrido várias vezes aos serviços das “fornecedoras” (ROSSIAUD, 1992).

As grandes cafetinas de época frequentavam os altos círculos da sociedade e algumas entraram para a história, como, as madames Brissaut, La Mule, Varenne e Carlier. Uma das mais famosas era La Gourdan, célebre por ter descoberto a jovem Du Barry, que se tornaria amante de Luís XV. Esta não foi a única cortesã do monarca. Ele mantinha uma casa nos arredores de Versalhes, chamada de Parc-

aux-Cerfs, para onde levava jovens e inexperientes beldades que mandava um serviçal recrutar na região. Quando as moças engravidavam, o rei casava-as com um de seus nobres vassallos.

Além dessas alcoviteiras que orbitavam em torno da corte, outras transformavam suas próprias residências em bordéis de luxo, como fez madame Guimard com a mansão construída por Claude Ledoux, e madame Duthé, instalada no Hotel de Soubise. Honrados aristocratas, nem por isso os clientes eram menos vulgares. O filósofo iluminista Denis Diderot certa vez descreveu os costumes desses homens em um rascunho de carta:

[...] O senhor de Buffon e o senhor presidente de Brosses [...] gostavam do bom vinho e dele muito se fartavam. Gostavam também das mulheres e, quando estavam bêbados, iam ter com as moças. Uma noite, em que estavam numa dessas casas públicas, o pequeno presidente, que não é maior que um liliputiano, meio nu, coberto de poucos trajes como de uso nesses locais de prazeres, desvelou aos olhos de todos um mérito tão espantoso, tão prodigioso, tão inesperado, que todas soltaram um gritinho de admiração. (ROSSIAUD, 1992, p. 23).

O hábito de frequentar prostitutas, em casas coletivas ou de modo privado, era típico da nobreza. Os clientes podiam escolher eles mesmos suas presas ou pedir que as cafetinas as enviassem às casas particulares que reservaram para este fim. Suas exigências eram rigorosamente anotadas, como se pode ler em uma carta do marquês de Nesle à renomada Gourdan:

[...] não posso deixar e convir, minha cara, que as moças que nos enviou eram deliciosas. O problema é que se fizeram de virtuosas pudibundas e não quiseram prestar-se às fantasias da sociedade. [...] Para a quinta, vou precisar do bom e do melhor, daquelas bonitas e sabidas. O duque de Fronsac e o conde de G. serão meus convidados. Já me entendeu, não é? (ROSSIAUD, 1992, p. 24).

A carta revela o tipo de serviço que essa clientela privilegiada esperava em suas reuniões: eles queriam oferecer, como quem oferece um jantar ou uma recepção, moças ao gosto dos convidados.

Na outra ponta desse luxuoso mundo do prazer estavam as famílias pobres que entregavam suas filhas às cafetinas em troca de dinheiro. Documentos de época registram história de mães que prostituíram as próprias filhas ou de gentis senhores que dividiam entre si a pensão e os préstimos de uma moça. O *Journal de Police*, em sua edição de 31 de agosto de 1742, alertava sobre o problema: “[...] O número de mães que prostituem a filha é cada vez maior. Mal o dia se recolhe e elas já estão à cata (de seus clientes). Os exemplos mais escandalizam do que corrigem

e só servem, quanto servem, para conter a audácia daquelas que se deixam levar a tal extremo” (ROSSIAUD, 1992, p. 26).

As penas contra a prostituição podiam ser rigorosas, mas não se aplicavam aos senhores nem aos clientes. Em sua *Voyage en Hollande*, Diderot notou com surpresa que “[...] os homens casados pegos nas casas públicas são condenados a uma multa muito alta” (ROSSIAUD, 1992, p. 26). Na França, as condenadas eram as meretrizes – em geral indicadas por assédio – ou suas patroas, acusadas de desviar moças imaturas ou de seqüestrá-las.

As cafetinas eram punidas com penas humilhantes. Uma delas, acusadas de aliciar uma menina de 11 anos, foi condenada ao “castigo público” – percorrer a cidade nua, sentada de costas sobre um burro – e ao banimento.

Nem por isso, o comércio mantido pelas “superioras” deixou de prosperar. O *Journal de Police* descreveu as técnicas de assédio utilizadas pelas meretrizes:

[...] Há, na rua Soli, depois da rua Jussiene, bem no meio da rua, um viveiro de moças prestativas chamando as passantes. O mesmo se dá nas ruas Saint-Denis, para onde elas acorrem em quantidade à noite; nunca se viram tantas pelas ruas da Comédie e Saint-Honoré. São tão inoportunas quanto os pobres e dizem coisas que fariam abjurar todos os monges do reino. (ROSSIAUD, 1992, p. 33).

O esforço para chamar a atenção dos clientes se justificava pela enorme concorrência: embora não se tenha cifras exatas, estima-se que cerca de 20 mil prostitutas trabalhavam em Paris em 1780.

A enorme quantidade de profissionais do sexo em atividade na cidade estimulou a publicação de pequenas brochuras que funcionavam como catálogos dos serviços oferecidos na capital. Um desses guias, de 1791, tinha o sugestivo título de *L'Almanach des Adresses de Desmoiselles de Paris qui Précisait lês Talents Particuliers de Chacune*<sup>22</sup>.

Após a Revolução de 1789, a proliferação do meretrício deixou de ser encarada apenas como um problema moral e passou a ser vista como uma questão de saúde pública. Os médicos do século XIX se ocupariam do tema, propondo a criação dos bordéis a portas fechadas e o registro das prostitutas. O próprio Restif de La Bretonne, um dos escritores libertinos do século XVIII, já se preocupava com a saúde nos prostíbulos e, em 1769, elaborou um projeto de bordel utópico, intitulado

<sup>22</sup> Almanaque dos endereços das moças de Paris, apresentando os talentos particulares de cada uma (ROSSIAUD, 1992, p. 34). Tradução do autor.

*Le Pornographe ou Idées d'un honête homme sur un projet de règlement pour les prostituées*<sup>23</sup>, para prevenir os infortúnios da exposição pública dessas mulheres. Nascia, ali, a prostituição sob o controle do Estado, limitada às casas fechadas, os *parthénions*.

Ao longo de toda a década revolucionária (1789-1800), diversas leis procuraram reprimir os tumultos públicos e atentados ao pudor, mas não o amor venal. A intenção era combater as desordens e os escândalos, mas os franceses sabiam que o meretrício, em si, não poderia ser eliminado. Ao legislar sobre os escândalos, os homens da lei reconheciam oficialmente a existência dos bordéis. Depois de fúria moralizante de Luís XIV e dos excessos do século da libertinagem, restava uma certeza: a prostituição era um dado da realidade com o qual era preciso conviver da melhor forma possível.

Após essas considerações, no tópico seguinte apresento os novos meios da contemporaneidade de se obter o sexo pago.

#### **4 A NOVA 'CARA' DA PROFISSÃO MAIS ANTIGA DO MUNDO**

Atualmente, é comum os *sites* que divulgam o trabalho de garotas de programa. Muitas optam por construir *blogs* próprios a fim de evitarem os pagamentos mensais, quinzenais ou até semanais para a divulgação de suas fotos em *site* especializados. É a prostituição nos tempos da internet.

De fácil acesso, visto que basta acessar um *site* de relacionamento e buscar um fórum de discussão sobre sexo que é possível encontrar parceiros para uma transa virtual ou pessoal. É só olhar os tópicos – Tati Safadinha, Angelina Ex-mariana, Fê Gatinha – e escolher o mais atraente. Dentro dos tópicos, existem relatos detalhados dos serviços procurados. Assim, em um fórum de prostituição é possível pesquisar e comparar preços e serviços de prostitutas de todo o país.

O usuário frequente desses *sites* é chamado de “graduado”, pois não só lê as resenhas das mulheres, como também contribui com experiências próprias.

Contratar garotas de programa todos os dias pela internet é mais discreto, visto que não há necessidade de ir para a rua ou se expor em casas de *strip-tease*.

---

<sup>23</sup> O pornógrafo ou ideias de um homem honesto acerca de um projeto de regulamentação das prostitutas (ROSSIAUD, 1992, p. 34). Tradução do autor.

É só ligar o computador, escolher a prostituta que mais atrai – loira? Morena? Jovem? – combinar o preço pelo telefone e ter o ‘serviço’ entregue em casa.

Não foram só as indústrias da música e do cinema que ficaram de “ponta”, depois da internet. A indústria do sexo também se reinventou. Afinal, nada melhor do que um mundo anônimo, instantâneo e impessoal como a internet para promover uma atividade tão ‘marginal’ quanto à prostituição.

Poucas coisas se adaptam tão bem às novas tecnologias como o mercado do sexo. O primeiro filme pornográfico foi produzido em 1895, no mesmo ano em que o cinema foi inventado. Foi a pornografia, também, que popularizou o uso do VHS na década de 70, pois o concorrente da VHS proibia a gravação de filmes eróticos. Não é difícil imaginar que a prostituição tenha invadido a internet assim que ela foi criada. O difícil é calcular o crescimento dessa indústria nos últimos anos – afinal, *blogs* mudam de nome, *sites* são abandonados, novas e velhas profissionais entram e saem do mercado – mas os americanos têm um número aproximado para essa tendência.

De acordo com uma pesquisa<sup>24</sup>, realizada por sociólogos americanos, em 2003, em 83% dos casos as garotas de programa encontravam clientes no tradicional tetê à tète: em bares e hotéis, clubes de *striptease* ou por meio de agências de prostituição intermediadas por cafetões. Em 2008, esse número havia caído para 57%. E, nessa época, 25% dos casos as meninas conseguiam clientes por meio de *facebook*. Hoje, se calcula que 83% das profissionais angariem clientes pelo *facebook* – e que a rede social se transforme, ainda em 2011, no maior serviço de prostituição *online* do mundo.

No Brasil, não é muito diferente. *Orkut*, *twitter* e *blogs* viraram o cartão de visita das mulheres profissionais do sexo e deixam bem claro os serviços que cada uma fornece (“beijo na boca: sim; oral sem camisinha: sim; anal: não”).

Desse modo, está cada dia mais fácil ter uma relação casual. Por exemplo, uma empresa, a **PinpointsX**, lançou um *app* (aplicativo) para *smartphones*<sup>25</sup>,

<sup>24</sup> Pesquisa realizada por Sudhir Venkatesh, sociólogo da Universidade Columbia, que durante 10 anos analisou a prostituição em Nova York. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/prostituicao-era-tecnologia-623042.shtml>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

<sup>25</sup> É um telefone celular com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados no seu sistema operacional. Os sistemas operacionais dos smartphones são “abertos”. Isso significa que é possível que qualquer pessoa desenvolva programas que podem funcionar nesses telefones. Numa tradução livre, do inglês “smartphone” - “telefone inteligente”. Usualmente um smartphone possui características mínimas de hardware e software, sendo as

usando a tecnologia de GPS, que aumenta as oportunidades para esse tipo de relacionamento. Chamado **LocalSin**, o programa tem como objetivo encontrar pessoas próximas que também estejam com vontade de ter uma transa de uma noite só, sem compromisso.



Fig. 6 – Aplicativo localizador de prostitutas.  
 Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

Com o programa, os usuários podem verificar quantas pessoas solteiras estão em um determinado lugar – como um bar, discoteca, ou centro da cidade – antes de sair. O aplicativo promete aumentar as probabilidades de ter sorte em uma noite em até 90%. Desde o seu lançamento, ele tem atraído dezenas de milhares de utilizadores em busca de uma relação casual.

O aplicativo, que atende a homens e mulheres de todas as preferências sexuais, dá aos usuários acesso ao "mapa da paixão", em tempo real, uma lista mostrando a localização dos "compatíveis" – outros usuários com interesses similares – na área. Em seguida, eles são capazes de entrar em contato direto com

---

principais: capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet, capacidade de sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal e agenda de contatos que utiliza toda a memória disponível no celular (não é limitada a um número fixo de contatos). Disponível em: <<http://megacontador.com.br/o-que-e-um-smartphone.html>>. Acesso em: 25 jul. 2011.



a pessoa e propor um encontro. Os destinatários devem aprovar um pedido de interação primeiro e também podem optar por ocultar sua real localização.

O aplicativo, que possui uma versão heterossexual e outra homossexual (chamado **LocalSinGay**), é gratuito e só foi lançado em versões para Grã-Bretanha, Estados Unidos e Austrália, entretanto, ainda não existe uma versão brasileira.

É fato também que existem diversas redes sociais, dispostas a ajudar na escolha do par ideal, mas, atualmente, há uma proposta diferente. Foi criado recentemente um *site* chamado **Utopi**, o único aplicativo *mobile* com um objetivo bem atípico dos convencionais: ele auxilia a encontrar a pessoa perfeita para o acompanhamento em eventos, festas e baladas em geral, onde pode até acontecer àquela química de primeiro encontro, mas tudo sem compromisso nenhum.

É possível optar pelo sexo do indivíduo (masculino, feminino, gay, entre outras opções bem peculiares do *site*), a localização do evento (o que dá algumas alternativas de pessoas, acessíveis ao local proposto), entre outras opções, e nada muito difícil de acessar.

Também se pode controlar a visibilidade na rede, pois o *site* garante a total privacidade de seus clientes. Quando uma conta é acessada, logo, aparece a localização de quem está acessando e a dos outros usuários *online*, mas o local é sempre aproximado, nunca o exato – uma cautela da rede para evitar possíveis problemas de mentes mal intencionadas. Outro ponto interessante é que só se fica visível se quiser, a escolha é do cliente.

O *site* está disponível para *smartphones* como iPhone, Android e Windows Phone. A rede social também pode ser acessada por *tablets*<sup>26</sup> como o iPad e o Samsung Galaxy. Obviamente, a criação é direcionada apenas para adultos, disponível na versão 2.0, ferramenta com a proposta de encontrar o acompanhante ideal. A inscrição é gratuita.

Em termos práticos, a internet facilitou o trabalho das prostitutas. Sem intermediários, pois quando elas negociam diretamente com os clientes, ficam também com todo o dinheiro para si – cafetões e agentes costumam embolsar no

---

<sup>26</sup> É um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos 3D. Apresenta uma tela *touchscreen* que é o dispositivo de entrada principal. A ponta dos dedos ou uma caneta aciona suas funcionalidades. É um novo conceito: não deve ser igualado a um computador completo ou um *smartphone*, embora possua diversas funcionalidades dos dois. Disponível em: <<http://megacontador.com.br/o-que-e-um-tablets.html>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

mínimo 50% do cachê delas. Algumas aceitam até pagamento em cartão de crédito. Além de dinheiro, o cliente pode pagar com cartão na internet, podendo parcelar.

Por não passarem mais as noites nas ruas em busca de clientes, as mulheres profissionais do sexo da internet também sofrem menos agressões: 50% a menos, de acordo com uma pesquisa americana. E, não raro, essas prostitutas *freelance* são mais seletivas para escolher os clientes. Muitas conversam antes com o interessado pelo MSN ou trocam gentilezas pelo *twitter*.

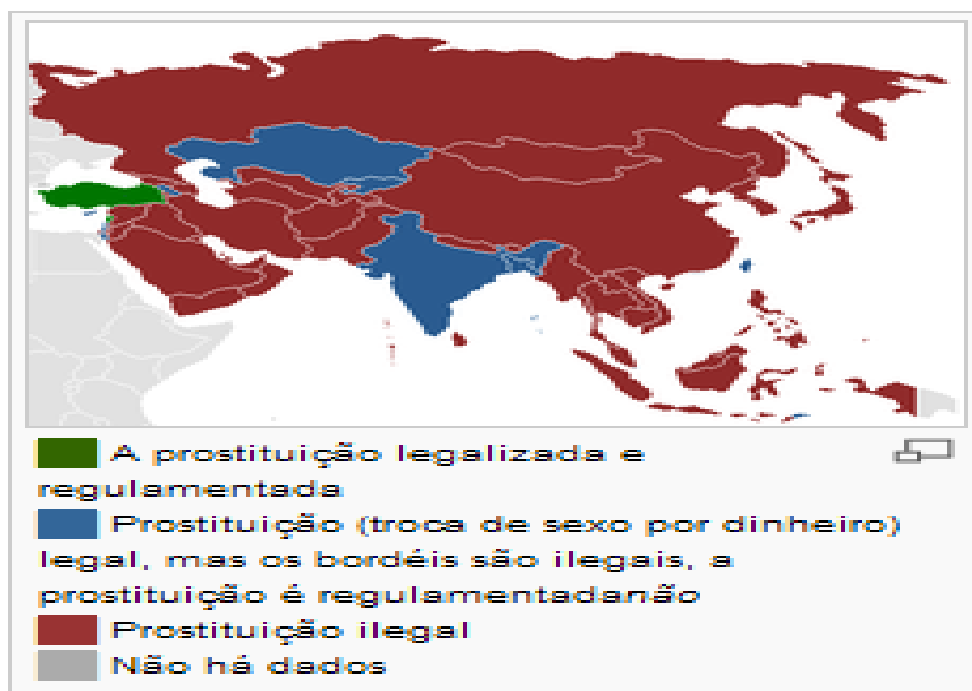


Fig. 7 – Mapa mundial do sexo..

Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

A mais famosa expoente da prostituição na internet, no Brasil, é Bruna Surfistinha que ficou conhecida graças a um *blog* que descrevia o dia a dia de seu trabalho e que virou filme. Bruna se tornou garota de programa em 2001, mais teve de começar a carreira do modo tradicional: oferecendo seus serviços em uma casa de prostituição.

## SEÇÃO II: FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Para analisar o gênero do tipo cotidiano, a fim de examinar a construção das identidades nesse gênero discursivo, com o arcabouço teórico-metodológico da AD, é preciso conhecer os contextos institucionais e organizacionais da vida social contemporânea na formação das identidades no gênero discursivo. Para isso, esta pesquisa tem como principais pontos de ancoragem os princípios teórico-metodológicos de Bakhtin (filósofo da linguagem), sendo que, para a construção do arcabouço que apresentarei em seguida, fiz uma retrospectiva, desde o início do século XX até os dias atuais, fundamental para entender os caminhos percorridos pela ciência da linguagem e as categorias que compõem esta pesquisa.

### 1 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO<sup>27</sup>

O meu propósito, neste tópico, é mostrar a sistematização dos estudos linguísticos na década de 1960 a partir do estruturalismo.

O estruturalismo reinou nas décadas de 1960, mesmo com a resistência do existencialismo e do marxismo. Nos estudos linguísticos, havia uma aparente unidade em torno das teorias saussureanas.

O estruturalismo sistematizou os estudos da linguagem. Mas entrou em crise. Se, nos anos 60, não se encontrava um linguísta que não devesse algo a Saussure, nos anos 70, suas obras passaram a ser questionadas, e nos anos 80, houve um “largo consenso anti-saussuriano” (PÊCHEUX, 1999, p.13).

Desde a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, até os anos 1950, as teorias linguísticas tinham por base Saussure, ora filiando-se a ele, ora se distanciando. Essas “diásporas e reunificações” demonstram o quanto a recepção das obras do genebrino foram descontinuidades.

A história das interpretações das ideias saussureanas acompanha a história das revoluções e das guerras do século XX. Trubetzkoy e Jakobson<sup>28</sup> fugiram às perseguições e migraram de um círculo a outro. Trubetzkoy desaparece, Jakobson

<sup>27</sup> Este tópico é um arrazoado sobre a fundação da AD, visto que não discuto as correntes nela envolvidas.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://verveliteraria.com/2009\\_03\\_12\\_archive.html](http://verveliteraria.com/2009_03_12_archive.html)>. Acesso em: 22 jan. 2012.

sobrevive e migra para os Estados Unidos e da América, de onde fez as ideias saussureanas chegarem à França.

As constantes releituras que se faziam das obras de Saussure (1969) provocaram alterações epistemológicas tanto do objeto quanto do método da linguística. Tanto a sistematicidade da língua quanto a assistemática da fala foram postas em discussão. Nesse momento, a linguagem passa a ser vista como um ramo de estudo muito complexo para estar limitada ao sistema saussuriano. “[...] Atrás da fachada visível do sistema, supomos a rica incerteza da desordem” (FOUCAULT, 1996, p. 85).

A fala, o sujeito, a ideologia, o social, a história, a semântica e outras exclusões operadas por Saussure são trazidas para as discussões linguísticas. A partir disso, surgem, quase concomitantemente, várias disciplinas que ‘estilhaçam’ a teoria da linguagem. Rompem com a sincronia e o corte saussuriano, e propõem uma análise transfrástica e subjetiva da linguagem, ou seja, aquela que ultrapassa os limites da frase e entende a linguagem como interação.

O reconhecimento do caráter dual que constitui a linguagem, este que é, ao mesmo tempo, formal e atravessado por entradas subjetivas e sociais, provoca um deslocamento nos estudos linguísticos até então marcados pela problemática colocada pela oposição língua/fala que impôs uma linguística da língua.

Nesse momento, os estudiosos buscam a compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas em um nível situado fora desse polo da dicotomia saussureana. E essa instância da linguagem é o discurso que possibilitará operar a ligação necessária entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico (BRANDÃO, 1993).

Isso desmorona o edifício teórico do estruturalismo. Em meados dos anos 1980, “[...] a linguística perdeu progressivamente seus ares de ciência-piloto no campo das Ciências Humanas e Sociais” (PÊCHEUX, 1999, p. 13), de modo que “[...] a maior parte das forças da Linguística pensa neste momento contra Saussure” (PÊCHEUX, 1999, p.9). A Análise do Discurso contribui para esse ‘trágico’ destino do estruturalismo.

A AD surge ao final dos anos 1960. Michel Pêcheux lança, em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso* que, para a maioria dos estudiosos, representa a fundação dessa disciplina. “[...] Pela primeira vez na história, a totalidade dos

enunciados de uma sociedade, apreendida na multiplicidade de seus gêneros, é convocada a se tornar objeto de estudo” (CHARAUDEAU, 2004, p. 46).

Pêcheux (1990) coloca em cena o discurso como objeto de análise. O elemento que se diferencia tanto da língua quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso invoca uma exterioridade à linguagem – a ideológica e o social.

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise AD, não é a língua, nem texto, nem a fala, necessitando de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Isso se refere aos aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

O discurso foi conceituado como a língua posta em funcionamento por sujeitos que produzem sentidos numa dada sociedade. A complexidade desse fenômeno ia muito além do que a epistemologia tradicional previa. O discurso se inscreve na confluência de três regiões do conhecimento científico.

A AD nasce no entremeio de três disciplinas, de modo que, desde sua gestação, evoca a interdisciplinaridade. Assim, o nascimento da AD foi presidido por uma “tríplice aliança”: uma teoria da História, para explicar os fenômenos das formações sociais; uma teoria da Linguística, para explicar os processos de enunciação; e uma teoria do Sujeito, para explicar a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico.

Desse modo, o discurso é um objeto de estudo sem fronteiras definidas. Ele é tridimensional – está no cruzamento do linguístico, do histórico e do ideológico. Por isso, foi inevitável para a AD romper com os postulados da linguística clássica, visto que se define como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado.

Orlandi define (2005, p. 26): “[...] A análise do discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”.

A Análise do Discurso não busca uma verdade nuclear do signo, pois é contra a imanência estruturalista. O que ela pretende é reconstruir as falas que criam uma vontade de verdade científica em certo momento histórico. Busca verificar as condições que permitiram o aparecimento do discurso; explicar por que tomou esse

sentido e não outro; e sempre relacionando o linguístico com a história e com o ideológico, sendo que:

[...] A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 1999, p. 15-16).

A verdade é uma construção discursiva. A evidente naturalidade, na verdade, é uma miragem discursiva. Os políticos criam essa miragem e enganam centenas de pessoas. O alvo de todo grupo político é se tornar em força hegemônica.

Assim, a hegemonia é sustentada pelo discurso. Daí não é difícil chegar à conclusão que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, é o poder do qual nós queremos apoderar”, já diria Foucault (1996, p. 10). Tomar a palavra jamais representa um gesto ingênuo, pois sempre está ligado a relações de poder.

Por isso, a AD não foi projetada para ser apenas um simples campo de estudo, mas para ser um instrumento de luta política. Dentre outras funções, pretendia desmascarar as verdades construídas por políticos oportunistas, pois a verdade é sempre uma reta em direção ao poder.

Logo, conhecer a produção, a circulação e a recepção dos discursos passou a ser uma atitude revolucionária, pois expunha as entranhas da relação do saber científico com as técnicas de poder. Daí a importância de relacionar um acontecimento discursivo às condições históricas, econômicas e políticas de seu aparecimento.

Desse modo, este estudo tem como objetivo analisar o discurso do tipo cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo na cidade de Belém, na Amazônia paraense, numa perspectiva discursiva, isto é, pensando o sujeito em um determinado tempo e lugar, onde seu discurso significa conforme as formações discursivas em que está inserido.

## 2 BAKHTIN E SUAS TEORIAS

Há vários aspectos importantes na obra de Bakhtin que contribuem para os estudos da linguagem no século XX, entretanto, neste tópico, trato de um aspecto: o dialogismo.

Bakhtin (1981), no início do século XX, denominou de Dialogismo o estudo e o reconhecimento do intercâmbio existente entre autores e obras. Essa ideia central, também reconhecida por outros termos, como intertextualidade, inicialmente, foi um foco de estudo no campo da literatura – mediante as citações textuais – como sendo a inclusão de um texto em outro, para efeitos de reprodução ou transformação. Entretanto, podemos empregar o termo a outras produções textuais, imagéticas e midiáticas que trabalhem e elaborem a narrativa discursiva com este artifício, por exemplo: os textos fílmicos, o teatro etc.

A relação dos diálogos é estabelecida por um cruzamento de vozes e/ou discursos diversificados, afirma Bakhtin (1981); e embora esta tese tenha sido fundamentada por intermédio da literatura, é perceptível que o dialogismo harmoniza o encontro entre os meios de comunicação e os discursos enunciativos distintos. Esse encontro mostra que o termo dialogismo pode ser denominado de polifonia – outro termo para designar um significado similar – caracterizado como um diálogo em que muitas vozes adquirem visibilidade no dialogismo.

A polifonia é entendida como uma conversa entre diversas vozes, que constituem, mostram e interagem em um diálogo intertextual. Por isso, um discurso, qualquer que seja, nunca é isolado, nunca é verbalizado por uma única voz, é discursado por muitas vozes geradoras de textos, discursos que interagem no tempo e no espaço.

Um discurso se utiliza de outro ou de múltiplos discursos para aludir novas orientações e/ ou novos sentidos a uma obra. Isso ocorre sem alterar as significações, as orientações e a forma do que já está estabelecido, o novo discurso apenas (re) trabalha a ideia mostrada. Logo, um único discurso apresenta várias orientações de interpretações, vozes distintas, possibilitando uma pluralidade textual ou discursiva de vozes diferenciadas.

É visível que os discursos modernos e pós-modernos são polifônicos, visto que se relacionam com o presente e o passado; são compostos de elementos

recorrentes de outros discursos, que não perdem a sua singularidade e, desse modo, asseguram o seu caráter intertextual para alcançar os seus objetivos.

Assim, Bakhtin (1981), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, realiza um estudo do estilo das formas de citação da palavra de outrem, destacando a importância dos discursos alheios na constituição dos discursos próprios, o diálogo estabelecido entre a palavra do “eu” e as palavras alheias que a antecederam. Essa relação dialógica é de fundamental importância para o entendimento do conceito de enunciado proposto anteriormente por ele.

As concepções e conceituações teóricas de Bakhtin (2003) sobre determinados termos (enunciado, dialogismo etc.) são embasadas no uso da língua (atividade humana), visto que, para o autor, a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, e sim pela interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. E, o diálogo, por sua vez, constitui uma das formas mais importantes da interação verbal, visto que configura toda a comunicação verbal, independente de seu tipo.

Na interação por meio do diálogo, o locutor e o interlocutor não podem ser considerados como caixas vazias de emissão e recepção de mensagens. Precisam ser reconhecidas como sujeitos “plenos”, tanto por qualidades modais necessárias as suas competências comunicativas, quanto por valores decorrentes das relações com o “extralinguístico” e com a sociedade.

Bakhtin (2003) considera o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. O autor insiste no fato de que o discurso não é individual: não é individual porque é construído entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos.

O autor aponta no enunciado-discurso dois aspectos: o que vem da língua e o que vem do contexto. Concebe o enunciado como produto de uma enunciação ou de um contexto histórico, social, cultural etc. É nesse contexto que participantes interagem verbalmente com seus enunciados de forma concreta e ativa. O discurso



que resulta desse processo é dialógico, pois requer reação-resposta ativa daquele a quem é destinado os enunciados.

Desse modo, os enunciados, pelo seu papel e lugar, representam unidades concretas e únicas da comunicação discursiva; por outro, pela sua natureza dialógica não podem deixar de se tocar nessa cadeia, estando vinculados uns aos outros por relações dialógicas, que são as relações de sentido.

Como visto, Bakhtin difere de Saussure, uma vez que ele não se prende aos aspectos internos da língua, sendo que a filosofia e a sociologia estão presentes em suas reflexões.

Nesse momento, cabe ressaltar que, nesta pesquisa, utilizo o conceito de gênero da arquitetura bakhtiniana que engloba sociedade, sujeito, ideologia e língua. Este que é reativado e revestido no uso e, por isso, vai, dialeticamente, mudando, acompanhando a sociedade que produz e faz circular ideologias via signo (SANTOS, 2003).

Por essa razão, Bakhtin (2003), para descrever a heterogeneidade dos gêneros do discurso, se preocupa em conceituar gêneros primários e gêneros secundários. O autor não formaliza taxionomias dos gêneros, a não ser a distinção que estabelece entre dois grupos de gêneros, que denominou de gêneros primários (simples) e secundários (complexos), cuja diferenciação está assentada na diferença funcional dos gêneros, ou seja:

[...] Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. [...] esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários [...]. Os gêneros primários (conversa de salão, carta, relato cotidiano, etc), transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. (p. 282).

Bakhtin (2003) ressalta que muitos gêneros secundários, em seu processo de formação, absorvem e reelaboram alguns gêneros primários. Muitos gêneros nascem do hibridismo de outros gêneros, primários ou não. O gênero primário inserido (intercalado) no secundário, como uma carta dentro de um romance, perde sua ligação direta com a realidade, deixa de ser acontecimento da vida cotidiana.

A língua escrita em seu desenvolvimento é marcada pelos gêneros do discurso (secundários: literários, científicos...; e primários: tipos do diálogo oral:

linguagem cotidiana, familiar...). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros a ampliação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte, o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso.

Por isso, é preciso ficar alerta para o fato de que apesar dos gêneros serem formas ágeis, em constante re-elaboração, fáceis de combinar, visto que “[...] para o indivíduo falante eles não deixam de ter um valor normativo: os gêneros são dados, não é ele que os cria”, afirma Bakhtin (2003, p. 304).

Além disso, Bakhtin (2003) diz que:

[...] em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo, é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (p. 266).

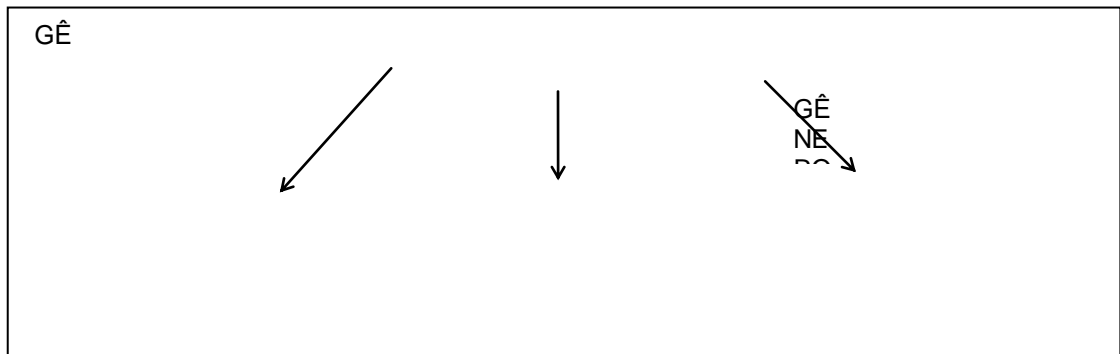
Nesse trecho, o autor enfatiza o caráter contingente do enunciado, o que se deve ao funcionamento da maneira como concebe a linguagem – dialógica e, por isso, sempre contingente e em movimentos de estabilidade e rupturas. Bakhtin (2003, p. 261) ressalta que “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Esses usos refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo não só pelo conteúdo temático e pelo estilo da linguagem (seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua), mas acima de tudo pela construção composicional.

Dessa forma, os três elementos do gênero – o tema, o estilo e a estrutura composicional – “[...] estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Ao discutir as diferenças entre gênero textual e discursivo, Rojo (2005) expande esses três componentes do gênero da seguinte forma: o primeiro, o **tema**, seriam os conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis (dizíveis) dentro de um determinado gênero; o segundo, o **estilo** (ou as marcas linguísticas), seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais; por fim, o terceiro, a **estrutura composicional** é a

forma de organização básica do gênero. O Quadro 1 sintetiza a noção de gênero discursivo:

**Quadro 1 – Dimensões dos gêneros do discurso**



Fonte: Rojo (2005, p. 196).

Nessa compreensão de gênero discursivo, há uma intrínseca relação entre os aspectos que compõem a situação comunicativa, as práticas de linguagem e a realização dos gêneros.

### 3 O DISCURSO

O meu propósito, neste tópico, é descrever o discurso, concebido fora da dicotomia saussureana, reconhecendo que a linguagem tem uma dualidade constitutiva e que a compreensão do seu fenômeno não deve ser buscada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas em um nível situado fora do polo da dicotomia língua/ fala. Ou seja, ao mesmo tempo em que a linguagem é uma entidade formal, constituindo um sistema, é também atravessada por entradas subjetivas e sociais. O discurso é, desse modo, um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas, afirma Cardoso (1999).

Fairclough (2003) vê discursos como modos de representar aspectos do mundo – os processos, as relações e as estruturas do mundo material, o “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social. Aspectos particulares do mundo devem ser representados diferentemente. Assim, para o autor, estamos geralmente na posição de ter de considerar a relação

entre diferentes discursos. Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, e elas estão associadas às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo que, por seu turno, dependem de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, e das relações sociais com outras pessoas.

Discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou melhor, como ele é visto), eles são também projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e inseridos em projetos de mudar o mundo em direções particulares. As relações entre discursos diferentes são um elemento das relações entre pessoas diferentes – eles podem complementar-se, competir entre si, um pode dominar o(s) outro(s), e assim por diante. Discursos constituem parte dos recursos com que as pessoas se posicionam no relacionamento umas com as outras – mantendo-se separadas, cooperando, competindo, dominando – e na tentativa de mudar os rumos pelos quais elas se relacionam (FAIRCLOUGH, 2003).

### 3.1 O DISCURSO E OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Uma das maneiras de agir e interagir é por meio da fala ou da escrita, assim discurso figura primeiramente 'como parte da ação'. É possível distinguir diferentes gêneros como diferentes maneiras de (inter) agir discursivamente – entrevista é um gênero, por exemplo. Em segundo lugar, o discurso figura nas representações que sempre são partes de práticas sociais – representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações próprias reflexivas da prática em questão. A representação é claramente substância discursiva, e podemos distinguir diferentes discursos, que podem representar a mesma área do mundo de diferentes perspectivas ou posições. Em terceiro lugar, e finalmente, discurso figura conjuntamente com expressões corporais ao constituir modos particulares de ser, identidades sociais ou pessoais particulares. Esse aspecto discursivo é chamado de estilo.

Além disso, os gêneros podem ser agrupados em função de certo número de regularidades linguísticas e de transferências possíveis. Esses agrupamentos respondem a três critérios essenciais do ponto de vista da construção de progressões para a qual eles constituem um instrumento indispensável. Inserindo-se na tradição didática da escola, é preciso que os agrupamentos:

- correspondam às grandes finalidades sociais atribuídas ao ensino, cobrindo os domínios essenciais de comunicação escrita e oral em nossa sociedade;
- retomem, de maneira flexível, certas distinções tipológicas, da maneira como já funcionam em vários manuais, planejamentos e currículos;
- sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem implicadas no domínio dos gêneros agrupados. (DOLZ;NOVERRAZ;SCHNEUWLY, 2001, p. 27).

O Quadro 2 apresenta os agrupamentos constituídos em função desses três critérios:

**Quadro 2 – Agrupamentos dos gêneros discursivos**

<b>Domínios sociais de comunicação</b>	<b>ASPECTOS TIPOLOGICOS Capacidades de linguagem dominantes</b>	<b>Exemplos de gêneros orais e escritos</b>
Cultura literária ficcional	NARRAR  <i>Mimesis</i> da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado...
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR  Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho <i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico...
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR  Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR  Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES  Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Fonte: Dolz;Noverraz;Schneuwly (2001, p. 28).

De acordo com o Quadro 2 apresentado, os gêneros do tipo cotidiano das mulheres profissionais do sexo, que compõem o *corpus* desta pesquisa, têm como capacidade de linguagem dominante o verbo relatar, visto que representam no

discurso experiências, situadas no tempo, ofertando serviços sexuais, entretanto, diferentes meios de veiculação.

#### **4 IDENTIDADES**

Este estudo leva em conta a noção de identidade intrinsecamente ligada à noção de sujeito. Por isso, discuto, neste tópico, como as identidades se constituem em diferentes momentos e lugares, conforme os vários papéis sociais que estamos exercendo.

Identidades são discutidas a partir do reconhecimento de velhas identidades em declínio e do reconhecimento de um sujeito moderno, fragmentado e não unificado, afirma Hall (1992).

Assim, a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Segundo Hall (1992), as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas. Entretanto, o próprio conceito, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando as identidades pessoais e abalando a ideia que se tem de si próprio como sujeito integrado. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente, em que é permitido

perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Daí advém a importância das discussões sobre identidade, um tema necessário sobre os efeitos da globalização e das transformações aceleradas da modernidade tardia.

A identidade confere diferenças aos grupos humanos. Ela se evidencia em termos da consciência da diferença e do contraste do outro. Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística.

Como ato linguístico, a identidade e a diferença estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral. Por exemplo, segundo Saussure (1969), a linguagem é um sistema de diferenças. De acordo com este autor, os elementos - os signos - que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente.

Assim, identidade e diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, e sim da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem. Dizer isso, não significa dizer que elas são determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição. Ocorre que a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação, é, ela própria, uma estrutura instável. Essa característica da linguagem tem consequências importantes para a questão da diferença e da identidade culturais. Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, identidade e diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. Identidade e diferença estão em estreita conexão com



relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder.

Identidade e diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, nesse caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições de sujeito, marcadas por relações de poder: questionar identidade e diferença como relações de poder, significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais.

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade.

Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Assim, a partir de textos, as pessoas podem estabelecer suas identidades e suas diferenças e podem incorporá-las em suas próprias práticas.

#### 4.1 DESCOBRINDO SUJEITOS, CONSTRUINDO IDENTIDADES E FORMAÇÃO DISCURSIVA

De acordo com o dicionário HOUAISS (2001, p. 348), a identidade de um sujeito limita-se à “identidade do eu”, o indivíduo sendo o mesmo em diferentes momentos de sua existência. Identidade: “o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa; nome idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos e impressões digitais”.

A AD reconhece o sujeito como um ser social, inserido em uma conjuntura sócio-histórico-ideológica e vê a identidade ligada às noções de sujeito e alteridade. “[...] Não há consciência de si sem consciência da existência do outro, é na diferença entre si e o outro que se constitui o sujeito” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.226).

Desse modo, as identidades são construções sociais situadas culturalmente que conseqüentemente têm uma relação intrínseca com a alteridade. Assim, para compreender a identidade, faz-se necessário entendê-la em sua relação com a alteridade, construída pela marcação de diferença.

Hall (1992) - mesmo reconhecendo que a identidade é construída pela alteridade - concebe que não há rigidez quanto à oposição na dicotomia “nós/eles”; por exemplo, tanto o paraibano quanto o pernambucano são nordestinos, embora o paraibano esteja inserido em práticas sociais diferentes das do pernambucano. Por isso, o autor assume uma posição que dá ênfase à fluidez da identidade e a visualiza como uma construção moldada conforme as práticas sociais e formações discursivas a que os sujeitos estão submetidos.

Por isso, a identidade pode ser enfocada de duas maneiras distintas: a identidade do ser individual, empírico como supõe o dicionário HOUAISS (2001); e outra dita de “posicionamento”, que diz respeito à posição que o sujeito ocupa num campo discursivo. Esse tipo de identidade se inscreve dentro de uma formação discursiva<sup>29</sup> e resulta das condições de produção e estratégias inscritas na situação

---

<sup>29</sup> Cabe esclarecer o conceito de formação discursiva. Este que foi introduzido por Foucault e reformulado por Pêcheux na AD.

FOUCAULT – procurava contornar as unidades tradicionais, como: teoria, ideologia e ciência, para designar um conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinados. Ele chama de discurso um conjunto de enunciados na medida em que revelam a mesma formação discursiva.

comunicacional. O posicionamento do sujeito influencia na produção dos seus discursos, ou seja, nas escolhas das construções, das palavras, dos gêneros discursivos, na maneira de citar etc. Para Charaudeau (2004, p.393) “[...] o posicionamento corresponde à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende (consciente ou inconscientemente) e que caracterizam reciprocamente uma identidade social e ideológica”.

Embora seja possível se ver como a mesma pessoa em todas as distintas situações discursivas, não é difícil perceber que nos posicionamos diferentemente em momentos e lugares variados, conforme as diferentes posições sociais que assumimos. Silva, Hall e Woodward (2000, p.30) defendem que “[...] diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvemos em diferentes significados sociais”.

Para Foucault (2005, p.105), o sujeito existe sob a forma de dispersão: “[...] Um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”.

Estudar o sujeito e a identidade pelo viés da AD significa reconhecer que ambos são construções dinâmicas, cambiantes, pois vão mudando de acordo com a formação discursiva que os determina.

Não posso falar de sujeito e identidade sem passar pelo que significa uma formação discursiva, pois de acordo Orlandi (2005, p. 23) “[...] a noção de formação discursiva (FD) permite-nos observar – e qualificar – as diferenças produzidas na textualização do discurso”, além do mais é nas FD que se inscreve o sujeito, caracteriza-se pelas regras de aparição de um discurso em determinado tempo e lugar. Trata-se de compreender como os discursos e os sujeitos são socialmente organizados, em um dado momento histórico.

Assim, todos os dizeres que circulam na sociedade se inscrevem dentro de uma determinada formação discursiva. Porém, uma formação não é um espaço

---

PÊCHEUX – a formação discursiva aparece inseparável do interdiscurso – lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que se proveem de uma formação discursiva. Noção acolhida pela AD.

Assim, em função dessa dupla origem, o termo formação discursiva permite designar todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista; os enunciados que decorrem de uma ciência dada; o discurso dos padrões, dos camponeses etc. Por isso, é possível postular que para uma sociedade, um lugar, um momento definidos, somente uma parte do dizível é acessível, que este dizível forma sistema e delimita uma identidade (MAINGUENEAU, 2004, p. 240).

estruturalmente fechado, homogêneo, ao contrário, esse conceito se define constitutivamente heterogêneo, um entrecruzamento de diferentes discursos que vêm de outro lugar, outro contexto histórico, por outras posições-sujeitos, mas ressignificado sob novas condições de produção.

Foucault (2005) propõe o conceito de formação discursiva a partir das formas de “repartição e sistemas de dispersão” dos enunciados. Para ele, buscar a unidade, a singularidade dos enunciados sobre determinado objeto não estaria na continuidade, na linearidade dos objetos, mas na ruptura, na descontinuidade, na transformação:

[...] definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles [...], formular sua lei de repartição. (p. 37).

E assim, o teórico em questão define o conceito de formação discursiva:

[...] No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade ( uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (p. 43).

Portanto, é a partir de uma formação discursiva que é possível compreender o porquê da existência de um enunciado em determinado contexto sócio-histórico e não outro em seu lugar.

Segundo Fernandes e Santos (2004), os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e os temas obedecem a regras de formação que refletem as condições de existência, isto é, os discursos obedecem a regras de aparição em determinada formação discursiva, historicamente marcada.

Enfim, esse conceito é significante na construção da identidade porque nele se encontra o discurso, o sujeito (posições-sujeito), o sentido, e, conseqüentemente, a história e a memória.

O conceito de memória também é significativo no que diz respeito à identidade porque é a partir de uma memória, ou redes de memória que se compreende certos sentidos, narrativas, sínteses, representações que se cristalizam em nossa cultura, visto que “[...] trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES; SANTOS, 2004, p.65).

Para Pêcheux (1999):

[...] a memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (que dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita”. (p.53, grifos do autor).

Assim, discutir a identidade das mulheres profissionais do sexo, nos gêneros discursivos do tipo cotidiano que trazem um discurso de ofertas de serviços sexuais, significa analisar, na dispersão desses enunciados, as regularidades que simbolicamente as identificam. Logo, “[...] descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular é descrever a dispersão desses sentidos” (GREGOLIN, 2004, p.90).

Portanto, é compreendendo esse discurso, que se materializa nos gêneros do tipo cotidiano, como um “[...] conjunto de enunciados, que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2005, p.122) que analiso a sua função enunciativa, buscando, por meio dos “ditos” e “não-ditos”, compreender quais as condições para o aparecimento de uma série de signos como acontecimento específico, “[...] suas condições, suas regras de controle, o campo em que ele se realiza” (GREGOLIN, 2004, p.91), porque não há entre o enunciado e a sua significação apenas uma relação de ordem estrutural ou semântica, mas uma relação que envolve a materialidade linguística, o sujeito e o seu contexto sócio-histórico-ideológico.

De acordo com Brait (2005, p. 23), o discurso é a “manifestação da linguagem em funcionamento” e compreender esses discursos é enxergá-lo além da superfície textual, é buscar seu sentido na sua não-transparência, nas entrelinhas, nas estratégias de sedução, por meio do jogo entre o verbal e o não verbal, no diálogo com o Outro, isto é, significações atravessadas por outros textos, outros discursos, outras formações discursivas.

Por isso, minha análise focaliza a relação linguístico-discursiva com o objetivo de compreender as estratégias utilizadas pelo enunciador que possibilitaram que esses dizeres fossem ditos dessa forma e não de outra, bem como buscar, na sua singularidade, fatos reveladores de uma prática social específica, que constrói sujeitos e revela marcas identitárias.

## 5 O CORPO COMO PRODUTO OU SUBPRODUTO DE CONSUMO NA PÓS-MODERNIDADE

O meu propósito, neste tópico, é discutir questões atuais que envolvem as análises sobre o consumo do corpo na sociedade pós-moderna, considerando que, para um grupo, aqui definido como desviantes sociais, o corpo tornou-se produto comercializável e fonte de renda.

Para elucidar o que significa consumir, considero Canclini (2008, p. 60) que define consumo como o “[...] conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”. Isso inclui diversos fatores, como: crenças, percepções, atitudes, identidades etc., sendo que essas questões pela brevidade da abordagem, nesse momento, não iremos aprofundar.

Entretanto, cabe ressaltar que o consumo é um sistema global que modela as relações dos sujeitos na pós-modernidade, esta reconfigurada por tecnologias variáveis que determinam os padrões de consumo.

Canclini (2008), ao analisar a nova organização da sociedade, aponta o consumo como fator de construção de uma marca de pertencimento, uma vez que o consumo de bens materiais ou simbólicos permite aos consumidores tecerem as malhas do tecido social a que pertencem ou desejam pertencer, criando, desse modo, a sua identidade.

Por isso, Canclini (2008) afirma que o consumidor para se assumir como cidadão apropria-se dos bens materiais e simbólicos. Para isso, constrói “*pactos móveis de leitura*” (grifos do autor, p. 67), desenvolvendo um papel regulador “[...] dos bens e das mensagens” (p. 67).

O autor também propõe uma articulação entre o consumo e a cidadania de forma conjunta e inseparável, tomadas como processos culturais e como práticas sociais que dão sentido de pertencimento. Assim,

[...] uma oferta vasta e diversificada de bens e mensagens da variedade internacional dos mercados [...]; informação multidirecional e confiável a respeito da qualidade dos produtos [...]; participação democrática dos principais setores da sociedade civil nas decisões de ordem material, simbólica, jurídica e política em que se organizam os consumos [...]. (p. 70).

Canclini (2008) também analisa as consequências da crescente participação por meio do consumo para a cidadania, visto que as críticas ao consumismo afirmam

que a organização individualista dos consumos tende a separar-nos, como cidadãos, da desigualdade e da solidariedade coletiva. Mas devemos observar também que a expansão das comunicações e do consumo gera associações de consumidores e lutas sociais, informadas sobre as condições nacionais e internacionais. O autor afirma que pouco tem sido feito no sentido de analisar as práticas de consumo como uma forma de criação de redes de intercâmbio de informação e de aprendizagem do exercício da cidadania, visto que as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania. Além disso, consumir é participar de um cenário de disputas pelo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo.

Segundo Canclini (2008), o reconhecimento e a aceitação social dependem cada vez mais do consumo ou daquilo que se possui ou se é capaz de possuir. Se determinado grupo consome uma determinada marca, só conseguiremos nos integrar ao grupo se, além de identificação recíproca, consumirmos a determinada marca. Nos mostramos ou nos apresentamos por meio do nosso consumo. Isso faz com sejamos integrados ao grupo. Logo, um mesmo grupo consome determinada marca porque se identifica com os valores dela.

Desse modo, a sociedade pós-moderna se caracteriza por um ambiente de consumo e pela comunicação em massa, em que os sujeitos são estimulados a consumir sem fronteiras, buscam a satisfação imediata, ou seja, o presente é o aqui e o agora, sem a preocupação com o amanhã.

[...] Ao forçar as pessoas a lidarem com a descartabilidade, com a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea, a cultura de consumo pós-moderna faz com que o indivíduo perca sua capacidade de organizar coerentemente seu passado e seu futuro, a vida deixa de ser um projeto com um significado, e suas práticas resultam numa heterogeneidade que se desenrola numa série de fragmentações do tempo vivido como presente perpétuo<sup>30</sup>.

Nesse contexto, os relacionamentos, as pessoas, tornam-se descartáveis, tal qual uma mercadoria; caso não agrade o consumidor, ele deve buscar outra, outra e outra, e, assim, a superficialidade dos relacionamentos se instala. Como consequência, há um encurtamento das relações humanas, da intimidade, da emotividade e a falta de desejo de estabelecer vínculos amorosos:

<sup>30</sup> SIQUEIRA, H. S. G. **Cultura de consumo pós-moderna**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/consumismo2.html>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

[...] Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, cuja presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão desaparecendo de vista. (BAUMAN, 2004, p. 96).

Além disso, a pós-modernidade carrega consigo uma cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual o individualismo e o autocentramento do sujeito adquirem enormes proporções. Parece que o indivíduo da atualidade procura apenas a exaltação do eu e, para isso, utiliza-se de todo e qualquer modo de aparecer no cenário social, seja por meio da estetização de sua aparência, seja por meio do uso do outro como fonte do próprio prazer. Logo, o que está em jogo na vida do sujeito da atualidade é a sua exterioridade, a sua imagem.

Outra mudança, inserida no contexto da pós-modernidade, diz respeito ao comportamento sexual. Este que, com o aprofundamento da cultura do consumo, permitiu que homens e mulheres explorassem os seus corpos como objetos rentáveis. Assim, na sociedade de consumo, o corpo é mercadoria.

Mas o que é um corpo? Certamente existem diversas respostas para esta questão, o conceito é vago e, na verdade, o corpo é um *facto cultural*<sup>31</sup>, assim como tudo o que lhe diz respeito. O corpo é a materialização do que somos, os nossos sentidos, a nossa locomoção, a nossa forma. A sua importância, a sua abordagem, os cuidados que lhe prestamos variam basicamente de cultura para cultura, porque o corpo nunca chegou a ser somente a soma da cabeça, tronco e membros.

Durante os séculos de maior influência do Cristianismo no ocidente, do séc. I ao séc. XIX, o corpo era ocultado por entraves morais. Como carne, expoente da sexualidade, o corpo era algo pecaminoso e, portanto, indigno. Havia uma sobrevalorização da alma e de Deus, que tudo vê, tudo ouve e tudo sabe. A alma era a salvação e as suas virtudes deveriam ser cultivadas em nome da fé, uma fé imposta por uma igreja, muitas vezes, tendenciosa, moralista e, hipocritamente, puritana. Esses conceitos impostos pela religião reprimiram a expressão do corpo como símbolo de sensualidade e sexualidade e todos os que agissem contra essas leis sagradas eram considerados hereges, pecadores e, conseqüentemente, condenados ao fogo do inferno. Exemplo dessa perseguição é a Inquisição. Esta,

---

<sup>31</sup>BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo** (1981). Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2853,1.shl>>. Acesso em: 14 jun. 2010.



criada pela igreja católica, condenou à morte milhares de pessoas, sem julgamento, por crimes como bruxaria, adultério, entre outros.

Durante o século XVII ocorre a Revolução Industrial e o corpo passa a ser visto, acima de tudo, como mão de obra. Surgem os caminhos de ferro e as grandes indústrias, as mulheres passam a ser consideradas uma mão de obra viável para o setor secundário das indústrias.

Com o corpo “coisificado” e como um produto ou serviço que pode ser comprado e vendido, este fica sujeito às leis do mercado, da concorrência, da propriedade e da oferta e da procura. Isto já é uma característica da pós-modernidade, sendo uma condição imposta de ordem cultural e econômica, pois não é da natureza do corpo ser produto ou meio da sua produção.

Desse modo, é fato que a transformação do corpo em mercadoria advém da necessidade do ser humano ter sido absorvido pelo mercado de trabalho. Este que não consegue atender à demanda pessoal, visto que a produção moderna é muito mais tecnológica que manual. Assim, o fascínio, presente nas motivações do consumo das mercadorias, se transfere para as pessoas que absorvem os atributos que são próprios do mercado e, nesse sentido, o valor destas é equivalente aos critérios do valor da mercadoria. Com isso, o corpo se torna resultado das expectativas do mercado, nega-se como ser autônomo e afirma-se como ser dependente dos mesmos critérios das exigências do mercado.

Nesse momento, é necessário apresentar o significado da prostituição no contexto da pós-modernidade, a fim de mostrar as condições marcantes acerca dessa prática, visto que a venda do corpo está circunscrita em diversos fatores associados, tais como: consumo, prazer, independência etc. Para isso, foco a postura dos desviantes sociais de duas maneiras: como trabalho e como busca de prazer.

A prostituição como trabalho é compreendida como uma profissão na qual a mulher é capaz de fazer uma separação **mente x corpo**; ou seja, trata o corpo como um objeto que é posto à venda no mercado do sexo (MARTIN, 2003). O cliente o aluga em busca de satisfação sexual e o desviante social desempenha o seu papel com desenvoltura e propriedade, encenando satisfação e gozo a um preço pré-estabelecido, justificando essa escolha pela necessidade de dinheiro para sustentar.

Entretanto, é perceptível que, alguns desviantes sociais, além de justificarem seus atos pela necessidade do sustento, usam o dinheiro para satisfazer seus

caprichos, ou seja, para uma ascensão à sociedade do consumo. É a busca pelo prazer de consumir: roupas, maquiagens etc.

Essa atitude, para Martin (2003), é considerada semelhante ao modo de ser da fase da adolescência. Esta que é marcada pelas fantasias e sonhos de consumo, alimentados pela sociedade do espetáculo. Mas é possível que o desviante social também esteja em busca de realizar seus desejos e fantasias sexuais. Desse modo, a relação deixa de ter apenas o aspecto comercial.

Outro aspecto a ser considerado está relacionado ao critério de liberdade que advém da prática da prostituição, pois os desviantes sociais podem, com isso, sentirem-se livres e autônomos. Ou seja, a prostituição é uma alternativa para vivenciar a sexualidade de forma livre, não ter patrão e horários fixos. Além disso, exercerem seus direitos de decidir sobre a própria vida sexual.

Entretanto, Martin (2003) considera a prostituição como uma “via de mão dupla”, pois ao mesmo tempo em que essa “prestação de serviço” proporciona a tão sonhada liberdade e autonomia, ela pode, também, de forma camuflada, induzir à prostituição a partir da situação estabelecida pela relação de poder entre homens e mulheres.

Assim, diante do que foi exposto, considero que a cultura de consumo pós-moderna força as pessoas a lidarem com a descartabilidade, com a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea, sendo o corpo trabalhado para ser exibido e observado, como uma imagem para ser consumida visualmente. Logo, a sociedade de consumo pós-moderna concede-nos produtos e serviços que nos ajudam a expor a nossa identidade ou a identidade que queríamos ter ou a identidade que deveríamos ter.

Desse modo, o corpo se encontra estreitamente vinculado às finalidades da produção enquanto suporte econômico e como princípio de integração psicológica, sendo objeto de um culto narcisista, a nível pessoal, utilizado também como recurso social.

Posto isso, informo que no próximo tópico descrevo a metodologia utilizada nesta pesquisa.

## **6 O PERCURSO METODOLÓGICO**

O estudo da linguagem, por meio da AD, se confirma numa teia de significados que interliga a forma como vemos a realidade com as diversas formas de

comunicação produzidas pela sociedade. Assim, com o aporte da AD é possível ultrapassar o cerco das palavras e encontrar, em outros sistemas de análises, a química que forma os diversos sentidos das representações no organismo social. Ela possibilita a descrição e análise da dimensão representativa, ou seja, estruturação dos signos, dos objetos, dos processos ou fenômenos interrelacionados à formação e apreensão do conhecimento humano e conseqüentemente à construção social da realidade.

Também é fato que, para se ‘entender’ o cotidiano dos indivíduos, é necessário levar em consideração as diversas atribuições de significados e interpretações dos sistemas de sinais. A investigação dos fundamentos do conhecimento da vida cotidiana, realizada por meio da linguagem, constrói as objetivações dos processos de significados e o mundo intersubjetivo individual e coletivo.

Bakhtin (2003) observa que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros das diferentes esferas sociais tem importância para quase todas as áreas de estudo da Linguística e da Filologia, pois toda investigação, acerca de um material linguístico concreto (história da língua, gramática normativa, criação de dicionários etc.), inevitavelmente, tem a ver com enunciados concretos, relacionados com diferentes esferas da atividade e da comunicação humanas.

Na perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, uma pesquisa sobre um determinado gênero não pode ser simplesmente vista como uma elaboração de uma “descrição” desse gênero, procedimento mais próprio das ciências naturais, visto que essa postura implica um apagamento do caráter dialógico da linguagem, da questão do objeto de pesquisa nas ciências humanas, da problemática da relação do pesquisador com os dados e da própria noção do que sejam os gêneros: a sua dimensão social constitutiva, a sua plasticidade e a sua relativa estabilidade e normatividade, uma vez que o uso da expressão “descrição de gênero” tornou-se corrente nos estudos de gênero na atualidade, e o que se faz nessas pesquisas é, de fato, um trabalho de interpretação dos dados, não é irrelevante a redefinição de que o que se realiza efetivamente é uma “descrição interpretativa” dos gêneros.

Em relação à metodologia de pesquisa, a mesma orientação, explicitada por Bakhtin (2003) para o estudo da mudança das formas da língua, aplica-se à análise dos gêneros. Segundo o autor, a ordem metodológica para o estudo da língua no âmbito de uma orientação de base sócio-histórica parte da dimensão social para as

formas da língua, pois não se pode dissociar o signo da comunicação social, sendo que o processo de mudança nas formas da língua “reflete” esse percurso:

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. [estudo das esferas sociais e das suas situações de interação].
- b) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala [gêneros do discurso] na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal [estudo dos enunciados, em ligação com os seus gêneros, da esfera cotidiana e das ideologias formalizadas].
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (p. 124).

Quando Bakhtin (2003) salienta que o texto é o dado primário, o ponto de partida para o estudo do homem e da sua linguagem, em um primeiro momento parece haver certa contradição com esse percurso metodológico. Entretanto, não é o caso. Primeiro, porque o autor concebe, nesse caso, o texto como enunciado, indo para fora do limites da materialidade linguístico-textual, incluindo o primeiro e o segundo passos, de certo modo.

Em segundo lugar, compreendo que essa postura significa que, a partir de determinados dados, no caso da análise do enunciado e do gênero, o que se faz é buscar reconstruir este caminho metodológico, refazer os passos anteriores. Isso significa, para o pesquisador, “esquecer” o que já sabe e ver e analisar esse processo com outros olhos (ORLANDI, 1999). Ao modo bakhtiniano, seria olhar esse já-conhecido através de um olhar de estranhamento.

Diante do exposto, informo que para a investigação dos gêneros discursivos do tipo cotidiano, nesta pesquisa, o foco da análise é a linguagem como um sistema intersubjetivo. Assim, quem fala, para quem se fala, o que fala, como se fala, em que situação, de que lugar da sociedade etc., são considerados elementos fundamentais do processo de interlocução que estabelece a linguagem. Desse modo, para alcançar o objetivo do estudo foi utilizada a metodologia descrita a seguir.

## 6.1 TIPO DE ESTUDO

Por empregar a quantificação na produção de dados e pela natureza e forma de entender um fenômeno social, esta é uma pesquisa quantiqualitativa.

Quanto aos objetivos é descritiva, sendo que, neste trabalho, a descrição é um modo de enunciação e não um tipo distinto da narrativa.

há dois conceitos que presidem, como fundo de referência, a abordagem discursiva aqui proposta:

- Sobre discurso, Orlandi (1999):

[...] A Análise do Discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através da chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. (p. 26).

- Sobre identidade Castells (1999) propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: **legitimadora**, de **resistência** e de **projeto**. Nesta pesquisa, considero que a identidade do grupo, cujo discurso é analisado, é a de **resistência**, visto que esta é:

[...] criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...]. (p. 24).

Logo, o **discurso** é analisado pelas condições de sua produção e a **identidade** pela polissemia (o diferente; o deslocamento, a ruptura de processos de significação).

Nesse momento, reitero que em AD, para se utilizar a noção de identidade – a chamada identidade pessoal, definida como “caráter de um indivíduo [...] de quem se diz que ele é ‘o mesmo’ em diferentes momentos de sua existência: a identidade do eu” – é preciso acrescentar duas outras noções que circulam nos domínios filosóficos e psicológicos: as de sujeito e de alteridade.

- SUJEITO – permite postular a existência do ser pensante como o que diz ‘eu’.
- ALTERIDADE – permite postular que não há consciência de si sem consciência da existência do outro, sendo que é na diferença entre “si” e o “outro” que se constitui o sujeito.

Mas, na AD, considera-se que a identidade do sujeito de discurso se constrói de duas maneiras, em dois domínios, que são, ao mesmo tempo, distintos e

complementares, sendo que ambos se constroem em articulação com o ato de enunciação: uma identidade dita pessoal e uma identidade dita de posicionamento.

A IDENTIDADE PESSOAL – subdivide-se em:

- **Identidade psicossocial** – dita “ex-terna” a do sujeito comunicante e consiste num conjunto de traços que o definem (idade, sexo, estatuto, legitimidade etc. isso em uma relação de pertinência com o ato da linguagem.
- **Identidade discursiva** – dita interna a do sujeito enunciativo e pode ser descrita com a ajuda de categorias locutivas, de modos de tomada de papéis enunciativos e de modos de intervenção.

A IDENTIDADE DE POSICIONAMENTO – caracteriza a posição que o sujeito ocupa em um campo discursivo em relação aos sistemas de valores que aí circulam, não de forma absoluta, e sim em função dos discursos que ele mesmo produz. Esse tipo de identidade inscreve-se em uma formação discursiva.

Assim, tanto na identidade pessoal quanto na identidade posicionamento, a identidade resulta, ao mesmo tempo: das condições de produção que exercem coerções sobre o sujeito; das condições que estão inscritas na situação de comunicação e/ou no pré-construído discursivo; e das estratégias que o sujeito põe em funcionamento de maneira mais ou menos consciente.

## 6.2 CONTEXTO DA PESQUISA

De acordo com o objetivo desta pesquisa, o espaço discursivo que constitui o contexto desta pesquisa: **a cidade de Belém** é o cenário onde foram coletados os dados da pesquisa.

Belém nasceu em torno do então Forte do Presépio, área que logo foi chamada de cidade e com o passar do tempo recebeu o nome de Cidade Velha.

O fato de Belém ser uma das capitais mais arborizadas do Brasil, oferecendo a sombra das copas de milhares de mangueiras que cobrem ruas e avenidas e amenizam as altas temperaturas é conhecida como a “Cidade das Mangueiras”.

Belém é uma das metrópoles brasileiras e a maior cidade da Região Norte. Sua área metropolitana é composta por 5 municípios (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara) e totaliza 1.794.981 habitantes, sendo que a maioria da

população reside em zonas urbanas. Apenas o Município de Belém possui 1.392.031 habitantes (Censo 2011/IBGE<sup>32</sup>).

O Município de Belém está dividido em 8 Distritos Administrativos e 71 bairros, com um território de 50.582,30 ha, sendo a porção continental correspondente a 17.378,63 ha ou 34,36% da área total, e a porção insular composta por 39 ilhas, que correspondem a 33.203,67 ha ou 65,64%. O contingente populacional na área urbana representa uma taxa de urbanização muito superior à observada para o conjunto da Amazônia e para o Estado do Pará. Atualmente, Belém apresenta uma densidade demográfica de 1.201,39 hab./km<sup>2</sup>.

A socioeconomia de Belém está pontuada por uma estrutura produtiva na qual as atividades do comércio e serviços se apresentam como alternativas de emprego e renda para a população, sendo que a capital concentra grande parte de todas as atividades produtivas do Estado. Importante lembrar que essa estrutura é fruto do processo histórico de inserção da região na evolução da economia nacional e mundial.

Ao utilizar as informações da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho, para o período 1998–2002, foi observado que o número de empresas existentes na capital cresceu 14,39%, enquanto que na Região Metropolitana de Belém e no Estado, essa evolução foi de 19,30% e 37,23%, respectivamente; e ao considerar o segmento administração pública, constatou-se que as atividades econômicas que apresentaram melhor desempenho foram o comércio com 19,69%, a construção civil com 13,86% e os serviços de apoio industrial que registraram um desempenho positivo de 13,86%.

Outro aspecto a ser considerado é o nível de emprego de Belém em relação a RMB e ao Estado: a RAIS do período considerado aponta que Belém detém cerca de 51% de todo o emprego gerado no Pará, mesmo o crescimento, oriundo dos setores de serviço e comércio na RMB. Isso reflete o processo de desindustrialização do Município de Belém, o segmento relativo à indústria de transformação se revela o mais ineficiente na geração de emprego e renda, na medida em que neste setor – de 1991 a 2000 – foi eliminado o total de 6.516 oportunidades de trabalho. O total de postos de trabalhos destruídos na década pelo

---

<sup>32</sup> Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em: 27 jan. 2012.

setor da indústria de transformação foi de 41,0% em relação à eliminação das oportunidades de emprego em Belém.

Quanto à formação étnica da população, Belém é uma “mistura” de traços do branco europeu, do negro e, sobretudo, do índio. Hoje, a cidade não é só a capital dos paraenses, mas também de imigrantes, em especial nordestinos, sendo que, a herança desses povos também tem outras manifestações, seja nos costumes e na forma de se expressar, revelando as raízes, as danças, as comidas, os artesanatos e lendas ou nos antigos casarões, palacetes e igrejas desta cidade.

Quanto à prostituição na cidade de Belém, pelo menos 50% das prostitutas de Belém têm menos de 16 anos. Só no centro da capital paraense há cerca de 2 mil.

A Fundação Municipal Papa João XXIII apurou um índice dramático de meninas de rua em Belém. Das 114 crianças e adolescentes que vivem pela cidade, 23,7% são meninas de 7 a 17 anos. O dado causa sobressalto porque a média nacional é de 11%. Pesquisa do Centro de Defesa do Menor<sup>33</sup> apontou que as meninas de rua ingressam na prostituição por intermédio de adultos que conhecem nos bares da cidade. Encontram-se, na história de quase todas, miséria, violência e desagregação familiar.

Esse cenário faz parte do atual histórico da prostituição em Belém.

### 6.3 A CONSTITUIÇÃO E A SELEÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* é constituído dos gêneros discursivos, produzidos por mulheres profissionais do sexo de Belém/ Pará. Esses gêneros, denominados cotidiano, circulam socialmente, possuem temas semelhantes, entretanto, diferentes meios de veiculação. São eles: o anúncio no jornal; a entrevista; o *blog* e o *site* de relacionamento de prostitutas que retratam o tema escolhido.

Assim, nos gêneros selecionados, as mulheres descrevem seus atributos físicos e suas performances sexuais, provocando formações imaginárias<sup>34</sup>. Estas

<sup>33</sup> SCARDUELLI, P. **Retrato vergonhoso**. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas\\_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao\\_Id=30&Artigo\\_ID=101&IDCategoria=375&reftype=1](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=30&Artigo_ID=101&IDCategoria=375&reftype=1)>. Acesso em: 23 jan. 2012.

<sup>34</sup> As formações imaginárias se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há



que, como mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções. Por isso, o discurso prevalece e é considerado.

Quanto à escolha desse tipo de anúncio, considero que analisar esse tipo de gênero é válido, visto que as identidades de gênero são construções discursivas que se mantêm por ideologias hegemônicas de feminilidade e masculinidade nas práticas socioculturais e se encontram em processo de transformação no bojo das atuais mudanças sociais (MOTA-LOPES, 2002).

Além desses anúncios, analiso o discurso oral de uma intérprete de realidade em contexto, considerada uma desviante social<sup>35</sup>. Isso considerando as relativizações sociais de que este possui um comportamento, por princípio, desviante.

Para efeito de sistematização de estudos, selecionei 08 (oito) anúncios publicados no período de dois meses: maio e junho de 2011, somente aos domingos, em jornal local, de maior circulação da região Norte, *O Liberal*, cuja tiragem média é de 48 mil exemplares durante a semana, chegando a alcançar o número de 108 mil aos domingos. Isso faz com que esse jornal tenha o maior número de tiragens entre o Norte e Nordeste do país. Além disso, é considerado o veículo mais lido do Estado, alcançando a marca de 80% de preferência entre os leitores paraenses, segundo o IBOPE<sup>36</sup>.

Isso é veiculado – considerando a seção, onde esses anúncios são encontrados – em um jornal que, no mesmo caderno, anuncia ser contra a exploração sexual.

---

discurso que não se relacione com outros. O que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados (PÉCHEUX, 1990).

<sup>35</sup> Grupo de sujeitos, de acordo Durkheim (2002), que vende o corpo, prática considerada ilícita perante a lei e a sociedade.

<sup>36</sup> Desenvolve pesquisas de opinião. TV, internet, telefonia e diversas categorias. Serviços de notícias e e-mail. Disponível em: <[www.ibope.com.br/](http://www.ibope.com.br/)>. Acesso em: 12 jun. 2010.



Fig. 8 – Anúncio contra exploração sexual.  
 Fonte: jornal *O Liberal*, 8 de maio de 2011.

Esse tipo de anúncio é veiculado todos os dias, na mesma seção, numa média de 15 anúncios. Entretanto, aos domingos, esse número de anúncios multiplica-se, configurando uma maior diversidade de serviços, ofertados pelas mulheres profissionais do sexo. Por isso, a escolha desse dia da semana para seleção dos anúncios do *corpus*.

Na seleção desses anúncios, utilizei os seguintes critérios:

- os processos de significação desse gênero na sua dimensão verbal;
- os mecanismos de argumentação que são regulares nesse tipo de gênero, que podem ser mais ou menos estáveis e “visível”;
- as marcas identitárias do interlocutor e a sua finalidade ideológico-discursiva.

Acrescento que, para a AD, a constituição do *corpus* e a própria análise estão intimamente ligados, ou seja, são a mesma coisa, visto que analisar é dizer o que pertence ou não a um *corpus* determinado e, inversamente, dizer o que pertence ou não um *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas. Assim, a delimitação

de um *corpus* não segue critérios empíricos, e sim **teóricos**. Isso ocorre porque a AD trabalha com a relação: objeto **empírico**, objeto **específico** e objeto **teórico**.

Por essa razão, a AD tem como alvo a **exaustividade vertical**. Esta que leva a consequências teóricas relevantes e não trata os dados como meras ilustrações. Além disso, por definição, na perspectiva da AD, não há possibilidade de exaustividade extensional (horizontal), porque todo discurso se estabelece sobre um discurso anterior e aponta para outro (que é o seu futuro).

Desse modo, analisar um maior número de textos e de marcas linguísticas não significa compreender melhor o processo discursivo em questão, visto que essa relação é indireta, passa por mediações de diferentes naturezas e que são passíveis de explicações diversas. O que se exige é que a sustentação teórico-metodológica seja compatível com o recorte dos dados e com os objetivos propostos pela análise (ORLANDI, 1999).

Quanto à entrevista, esta foi realizada na casa da mulher profissional do sexo, no período da tarde – entre 15h e 17h – tendo em vista que o intérprete da realidade trabalha à noite e só tinha disponibilidade para conversar nesse horário. Assim, realizei uma entrevista individual gravada em aparelho de mp3 player, onde a prostituta descreve a sua história de vida, seus sonhos e anseios, bem como sua maneira própria de perceber e praticar a prostituição.

Quanto aos *blogs* e *site* de relacionamento, selecionei dois *blogs* e um *site* de relacionamento, onde a prostituta, intérprete da realidade, propaga o serviço que se propõe e disponibiliza fotos e preços.

Na seção a seguir, apresento a análise dos gêneros selecionados.

### SEÇÃO III: A ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresento o *corpus* da pesquisa e analiso e caracterizo os gêneros selecionados, considerando os três elementos do gênero: o tema, o estilo e a estrutura composicional dos gêneros, a partir da concepção ampliada de diálogo, segundo Bakhtin (2003).

Acrescento que, nesta análise, considero os meios pelos quais os gêneros são veiculados e a sua circulação em diferentes ambientes *online* e *offline*, reconhecidos como comunidades discursivas<sup>37</sup>. Além disso, considerarei os gêneros no *continuum* fala/escrita.

Na análise dos gêneros selecionados para esta pesquisa, constato que estes (ver exemplo a seguir), segundo Charaudeau (2010), determinam situações de comunicação que resultam da maneira como uma sociedade se estrutura, institucionalmente, a prática social em grandes setores de atividade, como o político, o científico, o educativo etc.

#### Texto 1



Fonte: jornal *O Liberal*, 8 de maio de 2011.

<sup>37</sup> Têm a sua identidade marcada pelos *saberes de conhecimento* e de *crença* nos quais seus membros se reconhecem e dos quais dão testemunhos ao produzirem discursos que circulam no grupo social. Essa comunidade discursiva é portadora de julgamentos, portanto, é formadora de opiniões. (CHARAUDEAU, 2004, p. 109).

A situação de comunicação é:

[...] o lugar onde se instituem as instruções que determinam a expectativa da troca, estas instruções provenientes ao mesmo tempo da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religam em termos de finalidade, do propósito que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza. (p. 7, grifos do autor).

Mesmo sem poder dissociar estes componentes uns dos outros, nesta pesquisa, me detive na **finalidade**, pois este nível é, metodologicamente, aquele pelo qual se deve começar a análise dos discursos (CHARAUDEAU, 2010). Além disso, com a seleção de um tipo de finalidade é possível determinar a orientação discursiva da comunicação e a **identidade** do locutor.

Entretanto, ainda falta encontrar o meio de articular o domínio da prática social com a atividade discursiva. Essa dificuldade advém do fato destes domínios de práticas serem extensivos demais e englobantes para que se possa marcar regularidades discursivas (CHARAUDEAU, 2010). Por isso, esta análise, se limita a estruturar o domínio de prática social em domínio de comunicação, apoiada numa teoria do discurso<sup>38</sup>, a partir da qual é possível conhecer os princípios gerais sobre os quais essa teoria se funda e os mecanismos que as colocam em funcionamento.

Assim, ao considerar a perspectiva bakhtiniana, caracterizo os gêneros selecionados como uma produção discursiva, em que as mulheres profissionais do sexo descrevem seus atributos físicos e suas performances sexuais, a fim de ofertarem os seus serviços.

### 3.1 ANÁLISES DOS GÊNEROS DO TIPO COTIDIANO

#### 3.1.1 Anúncios

Os anúncios selecionados são provenientes do jornal *O Liberal*, como uma das ferramentas usadas pelas mulheres profissionais do sexo e tem por objetivo oferecer serviços sexuais. Localizados no caderno de *Classificados* – onde pessoas e empresas anunciam compra e venda dos mais diversos produtos e fazem anúncios de emprego –, em uma seção denominada *Amizades*.

<sup>38</sup> Também chamada de teoria do fato linguageiro. (CHARAUDEAU, 2010, p. 4).

**O anúncio de jornal** é uma informação publicada, que faz uma propaganda, um pedido, ou outros tipos de comunicação de interesse do público em geral, necessitando ou não de resposta para o autor.

Assim, considero o anúncio um gênero por ele ser “[...] uma ‘ação social tipificada’ que se dá na recorrência de situações que torna o gênero reconhecível” (MARCUSCHI, 2005, p. 19, grifos do autor), em um contexto de produção que envolve negociações com os atores sociais.

- **Organização textual global**

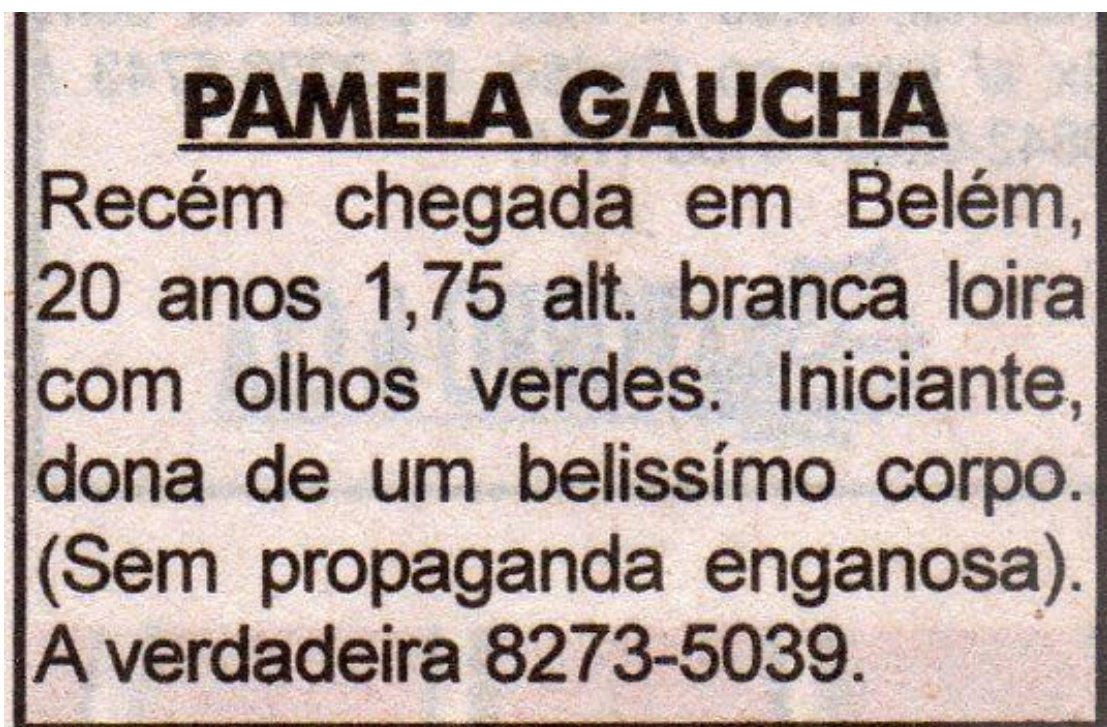
Os anúncios das mulheres profissionais do sexo oferecem vários tipos de serviço, sendo alguns direcionados somente para homens e outros para casais.

Determinados anúncios apresentam alguns recursos verbais que se caracterizam pelas seguintes partes:

**a) títulos em destaque**

A maioria dos anúncios, independentemente do seu tamanho ou *layout*, trazem o nome da mulher profissional do sexo em destaque, com letras maiores que as do texto com a descrição dos serviços ofertados para os clientes, como exemplo do texto 2.

**Texto 2**



Fonte: jornal *O Liberal*, 8 de maio de 2011.

### b) descrição

Esses anúncios de fazem uma breve descrição dos serviços ofertados e os requisitos que subsidiam a prestação do serviço.

#### Texto 3

**MULHER MELANCIA**-Venha se deliciar s/ restrição, c/ uma marquinha bem sexy, morena clara. Obs: Estilo Mulher Melancia, t/ brinquedo f/ massagem Tailandesa. F/ 9605-6662. Viviane 54339304

Fonte: jornal *O Liberal*, 25 de maio de 2011.

### c) contato

Os anúncios trazem o um telefone para contato e quem poderá ser atendido, como no texto 4.

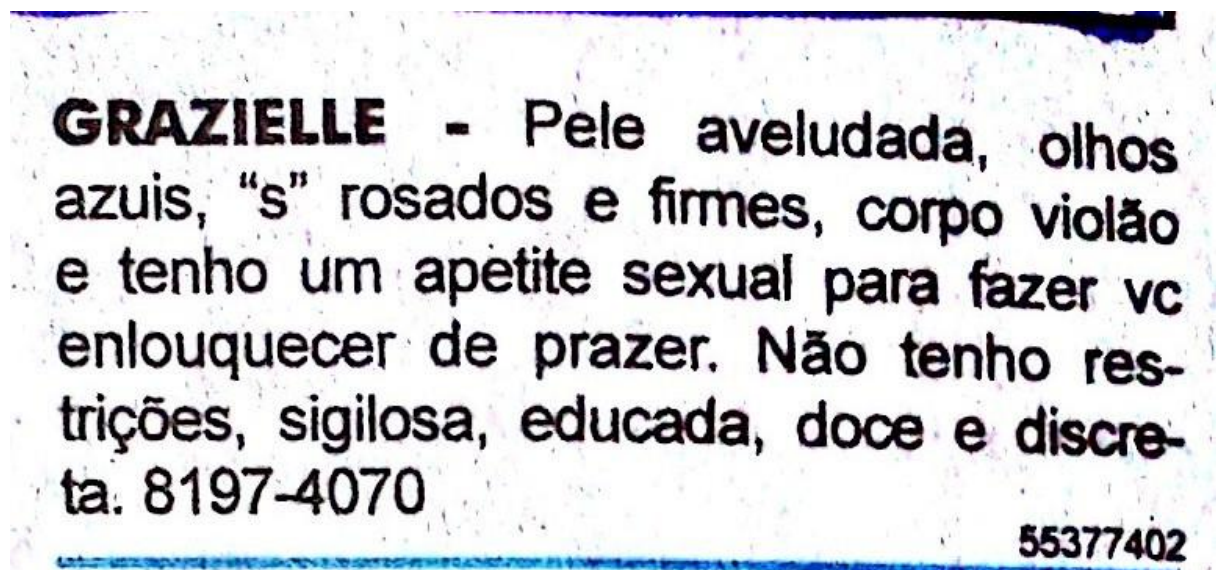
#### Texto 4

**GATA DE LUXO**-Beleza notável, rosto e corpo belíssimo, 1,70 de alt. seios mimosos, barriguinha lisa, cintura fina e corpo fenomenal e sua marquinha sex. Para pessoas de bom gosto. Atd Juliana. 8197-1979 55377403

Fonte: jornal *O Liberal*, 25 de maio de 2011.

**d) exigências**

A maioria desses anúncios diz não há restrições na realização do serviço, como no texto 5.

**Texto 5**

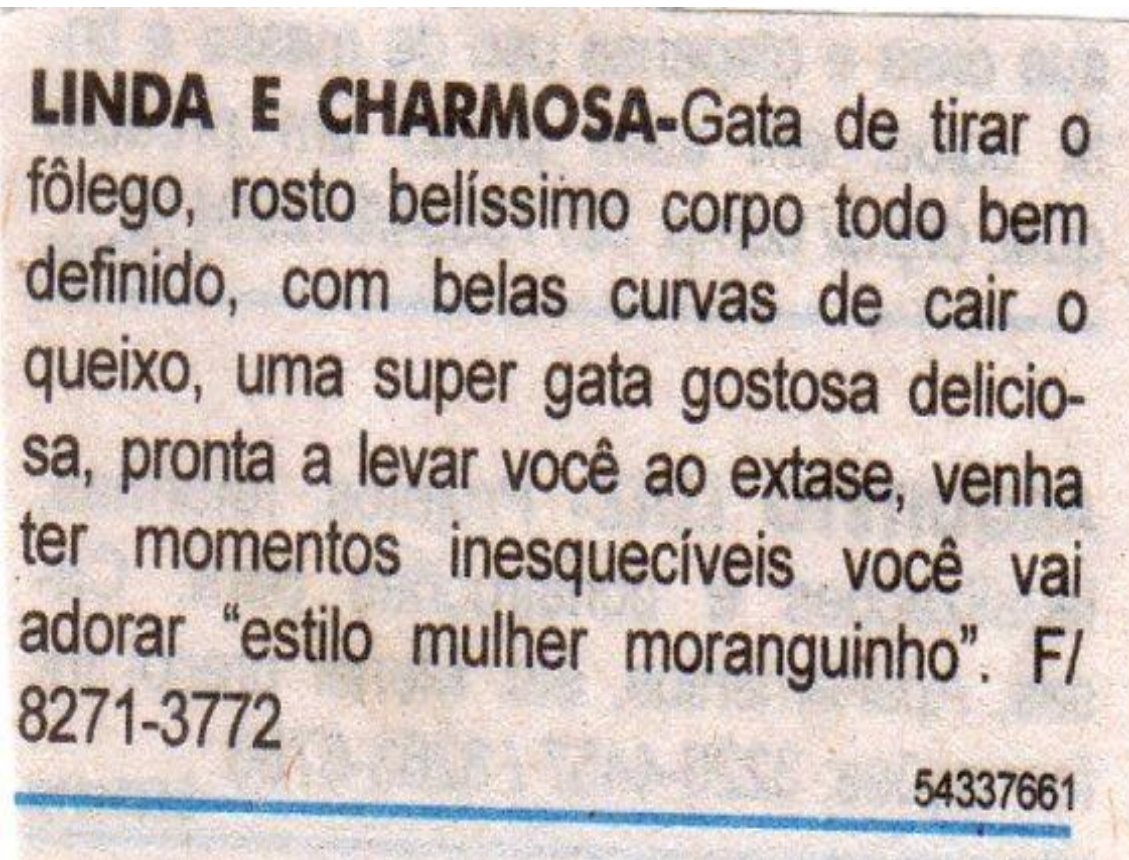
Fonte: jornal *O Liberal*, 12 de junho de 2011.

**f) sequência textual**

A sequência textual predominante nos anúncios é descritiva, facilmente detectada quando da descrição da mulher profissional do sexo e dos serviços ofertados, como no texto 6.



## Texto 6



Fonte: jornal *O Liberal*, 19 de junho de 2011.

- **Aspectos linguístico-discursivos**

Quanto aos aspectos linguísticos, salienta-se a ausência de pronomes pessoais, o tempo verbal e a predominância de um tipo lexical encontrados nesses anúncios.

Verbos no Presente Universal: este “presente” não tem qualquer relação com o tempo, o que é chamado intemporal: o presente sem tempo; não há intervenção de qualquer outro elemento de ordenação temporal (KOCH; VILELA, 2001).

Em relação às características gramaticais, há predominância de adjetivos indicadores de habilidades.

Os adjetivos são usados para destacar as características físicas das candidatas e suas performances sexuais.

Segue o exemplo no texto 7 desses aspectos descritos nos anúncios:

Texto 7

**DANI-** Branquinha, delicada e muito carinhosa, linda bronzeada. Essa é a gata do momento com 1,70 alt com um lindo bb bem carnudo e curvas perfeitas. Ligue e relaxe a você de ótimo bom gosto!  
 Obs: Sem restrições e sem falsas propagandas 9616-2401

55377405

Fonte: jornal *O Liberal*, 25 de junho de 2011.

**Quadro 3 – Síntese da caracterização do gênero textual anúncio da mulher profissional do sexo**

<b>Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anúncio de serviços sexuais.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Buscar clientes que procuram a satisfação sexual e a realização de fantasias sexuais.</li> </ul>
<b>Organização textual global</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nome da mulher profissional do sexo (fantasia ou real).</li> <li>• Serviço oferecido (performance sexual).</li> <li>• Descrição dos atributos físicos da mulher profissional do sexo.</li> <li>• Requisitos para a oferta do serviço.</li> <li>• Dados ou informações de como se contratar o serviço.</li> </ul>
<b>Tipo de discurso e sequência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso persuasivo e sequência descritiva.</li> </ul>
<b>Uso de pronomes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de pronomes pessoais.</li> </ul>

<b>Tempo verbal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Predominância de presente atual e do presente universal.</li> </ul>
<b>Escolha lexical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grande incidência de adjetivos e palavras que indicam habilidades.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora.

Para Bakhtin (2003), todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Assim, não é surpresa que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana, visto que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, mas, sobretudo, por sua estrutura composicional. Estes três elementos (tema, estilo e estrutura composicional) fundem-se indissolivelmente no **todo** do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso é denominado de **gêneros do discurso**.

Assim, a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a **heterogeneidade** dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas). Logo, é perceptível que a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande e que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo.

Desse modo, ao considerar Bakhtin (2003), é perceptível que os argumentos, utilizados pelas mulheres profissionais do sexo para a persuasão dos prováveis

clientes, são semelhantes e isso não acarreta mudança no tema (a intenção ao escrever o anúncio, e este ser persuasivo); no estilo (como a escolha de formas linguísticas que dão destaque para as negociações sobre os serviços propostos); e na estrutura composicional (como o uso de sinais gráficos e letras em maiúscula e a ordem no texto).

Acrescento que buscar marcas identitárias da mulher profissional do sexo através do seu discurso é desafiador porque diante das mudanças não há mais uma identidade fixa na qual o indivíduo possa se reconhecer. Entretanto, o gênero em análise, manifesta práticas da vida cotidiana, bem como insere os indivíduos em lugares e momentos históricos determinados, dando a oportunidade de compreender como os indivíduos e seus discursos são socialmente organizados em lugares e momentos históricos específicos.

### 3.2 ANÁLISE DO DISCURSO, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

No discurso de um sujeito há várias vozes, oriundas de uma formação histórica e cultural, por isso se torna impossível ter acesso a elas para saber a maneira pela qual todos os sentidos se constituem. Mas é possível identificar os indicadores que demarcam as condições de produção de qualquer discurso, elaborando as seguintes questões:

#### 1. Quem enuncia o discurso?

O analista deve ficar atento ao **sujeito do discurso**, bem diferente do sujeito gramatical, conhecido pela tradição escolar.

Na AD, para se compreender a noção de sujeito, é preciso considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado: “[...] um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo” (FERNANDES, 2004, p. 33).

Para a AD, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo. “[...] O sujeito de linguagem é descentrado,

pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20).

A Análise do Discurso defende uma teoria não-subjetiva do sujeito. Como explica Fernandes (2004, p. 41), “[...] a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade”. Isso implica três coisas: o sujeito não ocupa uma posição central na formação do discurso; ele não é fonte do que diz; muito menos tem uma identidade fixa e estável.

Na perspectiva da AD, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, por que na sua fala outras falas se dizem (BRANDÃO, 1993, p. 92).

O que define de fato o sujeito é o lugar de onde fala. Foucault (2005, p. 139) diz que “[...] não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar”. Esse lugar é um espaço de representação social (ex: médico, pai, professor, motorista etc.), que é uma unidade apenas abstratamente, pois, na prática, é atravessada pela dispersão.

A unidade é uma criação ideologia, é uma coação da ordem do discurso. Por isso, podemos dizer que o sujeito é um acontecimento simbólico. “[...] Se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 49).

O dolo da unidade pode ser desmascarado pela polifonia inerente a todo sujeito. O sujeito é constituído por vários “eus”. Não há centro em seu ser, pois o seu interior está saturado por várias vozes, de modo que, quando fala, o seu dizer não mais lhe pertence: “[...] Ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda inconscientes” (CHARAUDEAU, 2004, p. 458).

Logo, o sujeito pode ocupar várias posições no texto. Um único indivíduo pode assumir o papel de diferentes sujeitos. O sujeito é caracterizado pela incompletude. Mas essa marca vai se apagando de acordo com a função enunciativa que o sujeito assume. Hierarquicamente esse apagamento acontece da seguinte maneira: locutor/ enunciador/ autor.

O sujeito é um eu pluralizado, pois se constitui na e pela interação verbal. “É múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, por que não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis etc” (ORLANDI, 1988b, p. 11). Assim, não existe o sujeito sem o discurso, pois é este quem cria um espaço representacional para aquele. Talvez a grande contradição do sujeito seja o fato dele produzir o discurso e ao mesmo tempo ser produzido por ele. “[...] O sujeito tem acesso a si a partir de saberes que são sustentados por técnicas” (SARGENTINI, 2004, p. 93). O sujeito é inventado pelo discurso através do processo de subjetivação. E Miriani (2006, p. 8) alerta “[...] falar de subjetividade é falar de algo que é puro movimento, apreensível apenas num só-depois [...]”.

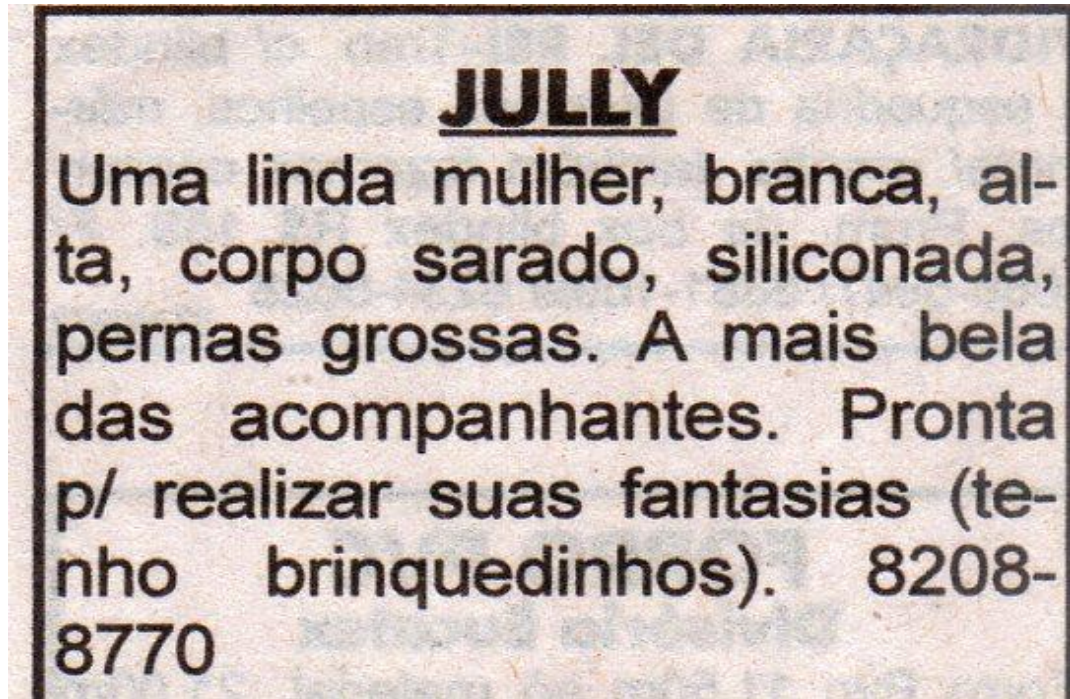
O sujeito não aparece individualizado naturalmente. É preciso que o poder o disciplinarize e molde o seu comportamento conforme a ordem desejada. O sujeito se relaciona consigo mesmo através do discurso, discurso esse que não lhe pertence completamente, mas que é devassado pelo outro. É o olhar de outro que permite a constituição de uma imagem unitária do eu. O eu só tem sentido quando o outro lhe atravessa. Não existe subjetividade sem a intersubjetividade. Não existe uma alteridade que esteja fora do eu, os dois não estão separados por uma fronteira bem definida, pelo contrário, ambos são um mosaico de vozes, que formam um saber sobre si e sobre o outro recalcado pelos jogos de poder (ORLANDI, 1988b).

2. Para quem o discurso é dirigido (público alvo)?
3. Qual é o objetivo?
4. Quando foi proferido o discurso?
5. De onde foi proferido?
6. O que é dito?

Para analisar o discurso da mulher profissional do sexo, respondo às questões propostas sobre as condições de produção do discurso, transcrito a seguir, considerando, para isso, o discurso do texto 8, inserido nos Quadros 4 e 5.

**Quadro 4 – Discurso da mulher profissional do sexo**

**Texto 8**



Fonte: jornal *O Liberal*, 25 de junho de 2011.

**Quadro 5 – As condições de produção do discurso do Quadro 5**

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1. QUEM FALA?	Jully.
2. QUAL O OBJETIVO?	Disponibilizar a sua companhia.
3. PARA QUEM FALA?	Para os leitores do jornal <i>O Liberal</i> que se interessam por esse tipo de serviço.
4. O QUE FALA?	Sobre a venda do seu corpo e a sua disposição em realizar as fantasias sexuais de seus acompanhantes.
5. QUANDO FALOU?	Em 25 de junho de 2011.
6. ONDE FALOU?	No jornal <i>O Liberal</i> .

Fonte: elaborado pela autora.

É fato que o percurso feito pelo indivíduo a partir da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos (BRANDÃO, 1993). Por isso, o discurso diz muito mais do que seu enunciador pretendia. “[...] A multiplicidade de sentido é inerente à linguagem” (ORLANDI, 1988b, p. 20).

Logo, o discurso não é fruto de um sujeito que pensa e sabe o que quer. É o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas. Logo, “[...] o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer quando e de que modo” (NAVARRO-BARBOSA apud SARGENTINI, 2004, p. 113). No caso desses anúncios, considere nesta análise o meio de circulação em que está sendo veiculado, visto que há uma padronização dos anúncios de jornais.

Por meio da análise desse discurso, encontram-se os traços de identidade dessa mulher em termos de sua auto-imagem, construída nos seguintes termos: eficiente e competente no serviço que está vendendo aos leitores do jornal. Isso considerando que a identidade do sujeito é um efeito do poder. “A identidade, assim como o sujeito, não é fixa, ela está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2005, p. 43).

### **3.2.1 A entrevista**

Na entrevista realizada, disponibilizada na íntegra como apêndice desta dissertação, Eni, a mulher profissional do sexo, apresenta a sua história de vida, os seus sonhos e anseios, bem como sua maneira própria de praticar a prostituição.

Esta mulher profissional do sexo tem 25 anos, cursa Graduação em Administração e começou a trabalhar como prostituta aos 18 anos. Quando indagada sobre o motivo de exercer esta profissão, ela diz que:

[...] além da necessidade material, sempre fui fascinada pelo sexo, desde os meus sete anos de idade, visto ter presenciado as atitudes da minha mãe que se envolvia com diversos homens [...]

Sobre o contato com clientes e anúncios em algum suporte da mídia:



[...] eu tenho um agenciador que sempre me contrata para grandes empresários, gringos [...]. Também anuncio em um site da internet. Isso faz que o meu atendimento seja em hotéis, motéis e em outros estados. Nunca fui batalhar na rua...

É perceptível que ela associa a prestação de serviços sexuais a uma atividade trabalhista e não necessariamente a uma forma de exploração. A entrevistada declara que exerce voluntariamente a prostituição e percebe essa atividade como uma estratégia de inserção socioeconômica realizada com intuito de obter recursos financeiros para custear seus gastos.

Ao perguntar se ela se assume como prostituta em todos os grupos sociais que frequenta, ela disse:

[...] Não! Eu faço faculdade, lá eu tenho outro comportamento. Tenho outras amizades; tenho uma postura de quem nasceu em berço de ouro. As pessoas pensam que eu tenho dinheiro. Também não assumo porque a sociedade é intolerante com essas coisas...

Neste trecho, ela oculta o exercício de sua atividade. Isso, segundo Pais (2001), é porque a prostituta apresenta um status social contingente e relacional, ou seja, os fatores que a influenciaram a prestar serviços sexuais, bem como seus relacionamentos sociais, interferem no modo como a mulher exerce a prostituição e em como se percebe diante dessa atividade.

Se ela identifica outras garotas de programas, respondeu:

[...] Sem dúvida que sim! Comportamentos, trejeitos, nas maneiras até de sentar, olhar, movimento das mãos... Às vezes, por um traje mais sumário. [...] Às vezes, 'Quenga' está escrito na cara...

Sobre os vícios, disse que:

[...] Não! Não fumo, não bebo e nem me drogo. A puta de classe não tem vícios. Só gosto de apreciar o bom da vida: o luxo e o sexo...

Esse trecho do discurso mostra que a prostituta tem a sua auto-representação e a auto-estima bastante positivas. Não apresenta um discurso vitimizador, instituindo no meio em que vive, a concepção de prostituição pautada pela escolha e não pelas vicissitudes da vida. Isto considerando que por meio de suas relações no e com o mundo, o ser humano se educa e significa a si, os outros e o contexto

em que se percebe, podendo se adaptar a situação percebida ou buscar transformá-la projetando-se para além de sua situação (FREIRE, 1970).

Posto isso, considero que os trechos apresentados subdisiam uma análise do discurso oral da mulher profissional do sexo, esta que tem um agenciador e usa um site da internet para divulgar o ‘trabalho’ a que se propõe.

### 3.2.2 Blogs e *site* de relacionamento

Para a análise dos *blogs* e do *site* de relacionamento, pessoalmente, trato a Internet como um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos.

O critério de seleção para os *blogs* foi de serem declaradamente de e sobre mulheres profissionais do sexo, como os apresentados a seguir:



Fig. 9 – *Blog* da agência da mulher profissional do sexo.

Fonte: <<http://www.blogdeguerrilha.com.br/conceitos-guerrilheiros/eu-sou-uma-prostituta-nao-faco-por-amor/>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Este blog é de uma agência (Espalhe) que propaga os serviços de mulheres profissionais do sexo. Nele, encontrei o seguinte texto de apresentação de uma prostituta:

Aqui na agência cobramos para trabalhar. É óbvio? Nem tanto. Ainda existe cliente que exclama: o quê!? Eu tenho que pagar para vocês desenvolverem um plano de guerrilha para o meu *briefing*?

Sim, **nós cobramos para trabalhar**. Da mesma forma que o costureiro que fez a cortina da sua casa cobrou um sinal, sem você saber se ela ficaria bonita ou não. Da mesma forma que seu advogado cobrou ganhando ou perdendo a causa. Da mesma forma que você cobra do seu empregador (e você cobra até sem trabalhar nos seus merecidos 30 dias de férias). **Da mesma forma que uma prostituta cobra antes de tirar a roupa.**

Todos estes profissionais são prestadores de serviço e cobram para trabalhar. E por venderem algo intangível, a sua expertise, existe o risco de dar certo ou errado. O risco de você gostar ou não do resultado. O risco de ser bom pra você ou de você brochar. Para diminuir o risco, o contratante avalia as credenciais do fornecedor. Avalia se os serviços semelhantes que o fornecedor já fez estão adequados às suas expectativas. Não tem jeito, estamos falando de serviço e não de produto de prateleira com etiqueta de preço.

Com a *Espalhe*, eu sou uma prostituta com 5 anos de esquina tentando encantar e surpreender os clientes. E no meu ponto todo dia param uns pós-adolescentes, com pinta de gerente de produto jr. ou atendimento de agência de propaganda, que abrem o vidro e jogam uma conversinha de que estão apaixonados, que querem me levar para casa e me tratar como uma rainha. Eu nem escuto o fim do papinho: **dispenso dizendo que não beijo na boca e não faço por amor**. Sou profissional e cobro pelo que faço.

Mas outro dia chegou um cliente antigo. Um tipo bonitão, forte, saudável e muito bem sucedido. Jogou a sua cantada, disse que estava apaixonado. E eu cai. Fui para a cama, uma concorrência sem cobrar. Fiz por amor.

E você acha que no dia seguinte o meu príncipe ligou para dar um *feedback*? Claro que não. Vestindo a carapuça de adolescente ingênua e apaixonada, eu pensei que ele tinha perdido o meu telefone ou estava muito ocupado. Mandeí um email perguntando se estava tudo bem e se ele ainda me amava. E ele respondeu frio, superficial e distante:

“Analisamos hoje as propostas apresentadas e optamos pelo projeto de outro fornecedor que estava mais adequado as nossas necessidades e objetivos. Agradeço pela apresentação e participação na concorrência. Abs.”

Nenhuma consideração com meu amor e dedicação a ele. **Me sentindo suja e usada**, eu volto pra minha esquina com a certeza que o amor não existe e que o bonitão vai continuar com o papai-mamãe de sempre – seja no formato do estande enorme, bonito e vazio na feira, da propaganda super produzida que ninguém vai falar a respeito, do site lindo que tem que comprar *post* em *blogs* para ter alguma visita.

Se adolescentes apaixonadas não te satisfazem mais e você busca profissionais para realizar todas as suas fantasias, me ligue.

Bjs, GFortes – mas pode me chamar de Pamela – cabelos negros, 1,74 e 80 kg de pura travessura<sup>39</sup>.

É visível que a prostituta se apropriou de todas as vantagens da internet para lucrar, utilizando de uma agência especializada em “boca a boca” que usa da criatividade para transformar seus clientes em assunto. No *blog*, todas as mulheres profissionais do sexo afirmam: \_ Não vai ter o que as faça voltar para as ruas.

<sup>39</sup>Disponível em: <<http://www.blogdeguerrilha.com.br/conceitos-guerrilheiros/eu-sou-uma-prostituta-nao-faco-por-amor/>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Ressalto que esta agência tem como clientes<sup>40</sup>, diversos segmentos do mercado que precisam vender seus produtos e tem como objetivo “[...] amplificar cada esforço de comunicação dos nossos clientes e garantir que eles sejam falados e, com isso, lembrados”<sup>41</sup>.

Para mostrar a **organização textual global** e os **aspectos linguístico-discursivos** do texto, elaborei uma síntese que pode ser visualizada no Quadro 6 a seguir:

**Quadro 6 – Síntese da caracterização do gênero textual relato de experiência da mulher profissional do sexo**

<b>Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relato de experiências sobre a sua vida como prostituta.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relatar suas experiências com clientes que procuram a satisfação sexual e a realização de fantasias sexuais.</li> </ul>
<b>Organização textual global</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nome da mulher profissional do sexo (fantasia ou real) ao final do texto.</li> <li>• Serviço oferecido (performance sexual).</li> <li>• Descrição dos atributos físicos da mulher profissional do sexo.</li> <li>• Requisitos para a oferta do serviço.</li> <li>• Dados ou informações de como se contratar o serviço.</li> </ul>
<b>Tipo de discurso e sequência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso persuasivo.</li> </ul>
<b>Uso de pronomes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de pronomes pessoais.</li> </ul>
<b>Tempo verbal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Predominância de presente atual e do presente universal.</li> </ul>
<b>Escolha lexical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grande incidência de adjetivos e palavras que indicam habilidades.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora.

<sup>40</sup> Revendedoras de carros novos e usados, fábricas de chocolate e refrigerantes etc. Disponível em: <<http://www.blogdeguerrilha.com.br/agencia/>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.blogdeguerrilha.com.br/agencia/>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Em relação à imagem presente no *blog* em análise, Orlandi (1995) diz que não são discursos apenas os textos verbais e orais. É possível verificar que a imagem - dentre outras formas de expressão não-verbal - é também discurso.

Assim, a interpretação do texto não-verbal se efetiva, então, por um efeito de sentidos que se institui entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte (e não exclusivamente do segmento), a partir das formações sociais em que se inscrevem tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador. Do ponto de vista ideológico, a interpretação da forma material da imagem pode se dar a partir da ausência de elementos próprios da imagem dando lugar aos apagamentos de natureza ideológica. Pode se dar também a partir do simbólico, da iconicidade. Ler uma imagem, portanto, é diferente de ler a palavra: a imagem significa não fala, e vale enquanto imagem que é. Entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais (ORLANDI, 1995).

O conjunto de elementos visuais possíveis de recorte - entendidos como operadores discursivos - favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não-verbal. A apreensão dessas relações, por sua vez, revela o discurso que se instaura pelas imagens, independente da sua relação com qualquer palavra.

A não co-relação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida. Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem, afirma Orlandi (1995).

Ao se interpretar a imagem pelo olhar - e não através da palavra - apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente à linguagem verbal e não-verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade (ORLANDI, 1995).

Logo, a materialidade não-verbal (imagem) une-se a outros enunciados de ordem verbal para constituir sentidos específicos por meio de suas regras de aparição, ou seja, funcionamentos discursivos próprios.

Desse modo, o conceito de discurso aí está para o conceito de intenção comunicativa, pressupondo-se, inclusive, uma competência discursiva para a leitura da imagem.

Em outro *blog*, a seguir apresentado, encontro *links* relacionados a todo tipo de serviço sexual com diversas informações sobre acompanhantes e mensagens eróticas e anúncios grátis de carros usados, imóveis, empregos, entre outros. Vejamos:

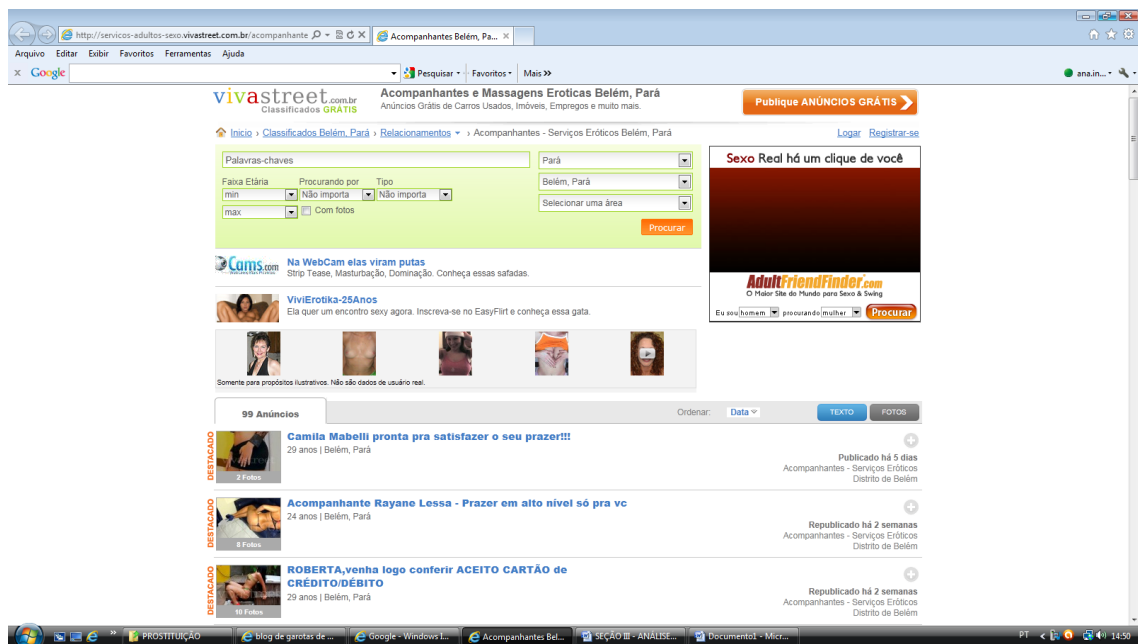


Fig. 10 – *Blog* da agência da mulher profissional do sexo.

Fonte: < <http://servicos-adultos-sexo.vivastreet.com.br/acompanhante-erotico+belem-para>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Na página principal, há vários *links*, onde é possível visualizar a mulher profissional do sexo, seus serviços, preços e locais de atendimento.

Verifiquei que a faixa etária dessas mulheres varia entre 18 a 40 anos e, em cada *link*, encontro também títulos em destaque com nomes fictícios ou não, com a promessa de carinho, de prazer e a opção de não pagar pelo serviço, caso não fique satisfeito:

---



1 Fotos

**vanessa , se nao gostar nao paga...**

23 anos | Belém, Pará



Replicado há 5 dias  
Acompanhantes - Serviços Eróticos  
Entroncamento

---



1 Fotos

**Camila Mabeli pronta pra satisfazer o seu prazer!!!**

29 anos | Belém, Pará



Publicado há 1 week  
Acompanhantes - Serviços Eróticos  
Distrito de Belém

---



1 Fotos

**QUER CARINHO?**

23 anos | Belém, Pará



Replicado há 1 week  
Acompanhantes - Serviços Eróticos  
Entroncamento

---



1 Fotos

**SabrinaFacinha-23Anos**


Essa e outras gostosinhas estão carentes... Inscreva-se agora e dê o que elas querem.

---

Fig. 11 – *Links encontrados no blog da agência da mulher profissional do sexo.*  
 Fonte: < <http://servicos-adultos-sexo.vivastreet.com.br/acompanhante-erotico+belem-para>>.  
 Acesso em: 10 ago. 2011.

Nesses links, há também ofertas de sexo virtual:

---



**Na WebCam elas viram putas**

Strip Tease, Masturbação, Dominação. Conheça essas safadas.

---

Fig. 12 – *Link de sexo virtual da agência da mulher profissional do sexo.*  
 Fonte: < <http://servicos-adultos-sexo.vivastreet.com.br/acompanhante-erotico+belem-para>>.  
 Acesso em: 10 ago. 2011.

O sexo virtual é praticado de algumas formas. Ele pode ser:

- Via *chat* (MSN, salas de bate papo, *skype* ou qualquer outro *talk* sem vídeo), onde duas pessoas trocam mensagens eróticas, simulando estarem juntas, descrevendo como estão vestidas ou até mesmo mentindo como estão "gostando" da experiência. Em geral quem pratica, leva a sério e tem orgasmos apenas "digitando" com um estranho.

- Via *webcam*: vendo o outro tirar a roupa ou encenar, enquanto se ouve por microfone, sua respiração ofegante ou qualquer outro estímulo sexual. O uso da *webcam* se tornou popular principalmente depois de *sites* estilo Badoo, por exemplo, que possibilitam as pessoas de ter contato com outras de qualquer lugar mantendo sua identidade em segredo, assistindo alguém “às cegas”.

A título de esclarecimento, acredito que o sexo virtual é mais praticado por pessoas que têm dificuldades de se relacionar na vida real ou moram longe, usando o método como ponte. Algumas pessoas precisam do sexo virtual para criar um vínculo maior de intimidade entre outra pessoa, por ter alguns problemas de timidez na vida real. Vale lembrar que por mais que o computador ajude levar o sexo virtual a sério pode viciar e atrapalhar, se a pessoa não souber quando parar ou até onde ir. Mas, para ajudar com a intimidade é sempre bem vindo e pode ser uma poderosa ferramenta neste ponto.

Após essas considerações, reitero que, ao clicar nos *links* disponíveis, é possível encontrar informações sobre os serviços ofertados, fotos, preços e preferências sexuais.

Quanto aos *blogs* pessoais, estes não diferem dos já apresentados, visto que as informações contidas destacam também os serviços sexuais ofertados, entretanto, a prostituta paga pelo espaço disponibilizado nos *blogs* administrados por outra pessoa.

Quanto aos *sites* de relacionamento, tais como: orkut, facebook, Twitter e salas de bate papo o acesso é fácil. A seguir apresento uma conversa num fórum de um desses *sites*:

29/07-15:04 ASSUNTO: Pamela Tesuda  
 Alguém tem informações sobre a menina? Preço, tempo e TD's anteriores?  
 20/08-13:51 RE: Pamela Tesuda  
 Voltou a fazer programa esta semana. Cachê de R\$ 300,00. Tel segue.  
 14/11- 09:07 RE: Pamela Tesuda  
 Comparsas, tive a oportunidade de estar com essa menina faz uns 3 meses. Achei que ela tá caídaça, ou seja, gorda mesmo, mas trabalha muito bem. Ai é vocês que sabem o que fazer.  
 27/01-11:31 RE: Pamela Tesuda  
 Alguém conseguiu falar com ela? Ligo e cai na caixa postal. Se ela for realmente do jeito que falam, vou realizar meu maior sonho de consumo!<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Disponível em: <chat03.terra.com.br:9781/sexo.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.



É assim, analisando a mercadoria, que os usuários dos fóruns de discussão de prostituição discutem os detalhes (tamanho, cheiro, cor) das meninas e dão dicas e pechinchas das mais indicadas. Só assim, dizem eles, é possível ter certeza de que estão contratando as garotas que mais combinam com seus gostos. A lógica é a mesma dos *sites* de compra *online*: o interessado tem a disposição dezenas de resenhas para comparar preços, serviços e ofertas. E, caso a menina seja “mau negócio”, já evita o contato.

É comum também que as mulheres profissionais do sexo troquem informações sobre clientes indesejados em tópicos, voltados especialmente para elas e aos quais só elas têm acesso. Às vezes, a queimação é mais pública e elas colocam nome, telefone e e-mail dos homens caloteiros em seus *sites* e *blogs*. Mas, de um modo geral, as resenhas nos *sites* são aprovadas pelas prostitutas: quanto mais críticas positivas recebem, mais trabalho elas conseguem, algumas organizaram até mesmo promoções – dão desconto para o cliente que promete fazer um comentário elogioso na internet. O tradicional “boca a boca” é imbatível, e agora está na internet.

#### 4 A EDUCAÇÃO POR MEIO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

No contínuo da análise, meu propósito, neste tópico, é mostrar como os gêneros discursivos devem ser vistos na relação com as práticas sociais, segundo a noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, visto que:

Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos – isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como consumidores, ou suas identidades de gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8, grifos do autor).

O homem é educado por meio de relacionamentos estabelecidos no e com o mundo, à medida que partilha valores, sonhos, expectativas e modos de perceber e

interpretar a realidade e, desse modo, as pessoas se formam a partir de experiências vivenciadas no cotidiano.

Nas práticas sociais, em suas relações com os outros e com o mundo, o homem constrói saberes de experiência. O saber de experiência é adquirido à medida que o sujeito responde e dá sentido ao que acontece.

Logo, o ato de educar-se não é desenvolvido somente em instituições oficiais de ensino, mas também no interior de diferentes práticas sociais das quais os seres humanos tomam parte ao longo de sua vida.

Práticas sociais se estendem em espaço e tempo elaborados por seus participantes e a sua duração depende dos sujeitos que delas tomam parte e dos objetivos que com elas pretendem atingir, em certo momento histórico. Tais práticas decorrem de e geram interações entre pessoas e grupos com a finalidade de produzir bens, valores, modos de pensar, viver e manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas.

Assim, nas práticas sociais são desenvolvidos processos educativos que promovem a formação para a vida em sociedade. Por isso, a participação no interior de diferentes práticas possibilita ao homem se apropriar de valores e comportamentos de seu tempo e lugar, permitindo o engajamento na luta por sua existência.

É perceptível que em suas interações, o homem expõe modos distintos de ser e perceber o mundo, desenvolvendo e transmitindo estratégias para solucionar os problemas que o desafia. São distintos os objetivos das práticas sociais, de tal forma que elas tanto podem enraizar e manter vivas as tradições, valores e posturas de um grupo, quanto também podem desenraizar, negando a cultura de determinado povo. Cabe ressaltar que as ações estabelecidas no interior de práticas sociais apresentam finalidades distintas, pois assim como os intérpretes que as executam, também são marcadas por contradições, de tal forma que, por vezes, se voltam à transformação de uma realidade percebida como injusta e opressiva, e podem servir à manutenção de iniquidades sociais, visando garantir privilégios a certos grupos ou pessoas. Desse modo, é perceptível que o destino do homem não é natural, mas político, ou seja, depende do livre arbítrio dele, ao organizar de forma mais ou menos livre a sua vida, as suas relações com a natureza, as suas relações de trabalho, de convivência e de sobrevivência.

A humanização é a vocação do ser humano, no entanto, é preciso reconhecer a não humanização, não apenas como viabilidade ontológica, e sim como realidade histórica, pois só a partir dessa constatação é que o homem passa a questionar-se sobre a viabilidade de sua humanização. Desafiado pela dramaticidade do presente vivido, por meio das interações com os outros, o homem que pouco sabe de si e de sua posição no mundo, essa descoberta permite a este que se proponha como problema, gerando dessa forma uma inquietação por saber mais. “Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (FREIRE, 1970, p.30).

Assim, conscientização é um compromisso histórico que requer uma inserção crítica do homem na história, exigindo que ele assuma, continuamente, o seu papel de sujeito que faz e refaz o mundo.

A educação é compreendida, aqui, como essa busca constante pela plenitude da condição humana, visto que educar-se é um processo histórico, por meio do qual o homem se reproduz ao reconstruir seu mundo, visto que para reconstruir o mundo é preciso excedê-lo, cultivar-se, lançar-se para além da situação percebida.

O homem luta para obter condições de renovação e quando as alcança, tem de renová-las para que seja possível renovar-se. Nesse sentido, educação é processo permanente desenvolvido por seres inconclusos que se movimentam no interior de diversas práticas sociais e se lançam ininterruptamente para além de onde são perceptíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tive como objetivo analisar o discurso materializado no gênero cotidiano como registro identitário das mulheres profissionais do sexo em Belém-Pa, considerando o contexto em que estão inseridas na contemporaneidade. Assim, para a obtenção dos resultados desta pesquisa, selecionei alguns gêneros discursivos, a fim de: identificar as condições de produção do gênero cotidiano no seu contexto de produção inter e intradiscursivamente – delimitado no campo da subjetividade – de mulheres profissionais do sexo; descrever o gênero do discurso no qual o anúncio se configura, como um texto de lugar da manifestação da ideologia, considerando-o como forma de visão sobre o mundo, que contribui para a formação da identidade do indivíduo; caracterizar o funcionamento discursivo estabelecidos pelos modos de enunciação no gênero cotidiano

Cabe ressaltar que este trabalho não pretende ser uma verdade única sobre esses discursos, visto que o conhecimento aqui obtido é da ordem da produção e não da revelação, sendo que a identidade do sujeito desta pesquisa é a do sujeito que se configura no e pelo discurso para a apropriação deste.

Com os dados obtidos durante essa investigação constatei em primeiro lugar, que cada indivíduo é um agente social inserido em uma rede de relações sociais que acontecem em lugares específicos de agrupamentos sócio-culturais específicos; em segundo lugar, que cada agrupamento social é controlado por um conjunto de instituições que têm as suas práticas, seus valores próprios, seus significados, suas demandas, suas proibições e suas permissões, sendo que isso, por sua vez, exerce influência direta sobre os indivíduos que convivem dentro desses grupos; e, por fim, as práticas, os valores e os significados dos grupos sociais são expressos e articulados em grande parte por meio da linguagem.

Logo, considerando essas afirmações, posso definir que discurso é o conjunto de afirmações que, articuladas por meio da linguagem, expressam valores os valores e significados das diferentes instituições, sendo investido de maneiras específicas de conceber a realidade. Além disso, todo discurso também é reflexo de certa hegemonia, isto é, exercício de poder de poder e domínio de uns sobre outros.

Por isso, cada instituição tem seus discursos – seja o da igreja, o da escola, o da prostituição – sempre investidos de determinadas ideologias, determinadas maneiras de ver, definir e lidar com a realidade. Isso se reflete nos gêneros

discursivos, por meio dos quais se estabelece a comunicação e a execução de ações sociais.

Assim, os gêneros discursivos – tanto em termos de quais gêneros serão escolhidos e de como serão usados – têm estreita relação com a noção de hegemonia. Isto porque a escolha de textos e o seu modo de uso dependem, frequentemente, das formas de dominação estabelecidas, ou seja, de quem possui mais ou menos, poder em determinadas circunstâncias.

Para uma melhor ilustração desse fato, considero, por exemplo, os gêneros discursivos usados nas escolas: quais são eles, quem os escolhe ou determina? Não são apenas os professores e alunos, mas também determinações que vêm de práticas discursivas mais amplas, pertencentes ao discurso que engloba o programa da escola, as normas da secretaria, da prefeitura, ou do estado, dos PCN, ou do MEC. A escolha dos gêneros discursivos pode envolver ainda pressões da sociedade, por exemplo: usar ou não textos que tratem de drogas, de relacionamento ou de identidade sexual etc.

Fairclough (2003) fala em poder **no discurso** e poder **por trás** do discurso. O primeiro é mais visível e pode ser exercido *in presentia*, explicitamente, por meio de palavras ou gêneros específicos. Já o poder **por trás** do discurso deriva de ordens não tão visíveis, como é o caso dos discursos por trás da escolha do livro que a escola vai adotar ou dos discursos que determinam o que significa ser professor e consequentes formas de comportamento ou posicionamento diante da profissão. Assim, são os poderes **por trás** do discurso que determinam qual gênero é mais apropriado para determinada situação.

Entretanto, isto não significa que as práticas discursivas não possam ser alteradas, visto que cada situação de prática social é simultaneamente coercitiva ou coibidora e capacitadora. Isto quer dizer que uma prática social pode repetir, reforçar, questionar, desafiar e mudar práticas anteriores. Isso porque os aspectos coercitivos ou coibidores promovem a repetição e os aspectos capacitadores permitem a mudança. Assim, ter conhecimento sobre o envolvimento da linguagem nas questões de poder pode cooperar para mudanças no exercício de formas de poder.

Após essas considerações, acrescento que a prostituição como prática social permite a formação de grupos que se organizam de acordo com as suas semelhanças e identidades. Entretanto, acredito que algumas mulheres profissionais

do sexo optam por ocultar de amigos e familiares o fato de exercerem esta profissão— caso da entrevistada, nesta pesquisa – a fim de evitar julgamento e reprovação moral.

Também é fato que o relacionamento prostituta e cliente permite o aprendizado e o ensino nessa relação, visto que ambos interpretam e atribuem significados a vivências, produzindo saberes de experiência e cultura. Esta entendida como a aquisição sistemática da experiência humana. Uma aquisição que ocorre de maneira gradual por meio da incorporação de saberes, valores, atitudes e conhecimento, desenvolvido pelo homem no interior de diferentes práticas sociais.

É claro que os saberes desenvolvidos na prática da prostituição também são utilizados como recursos para que a prostituta leia e interprete a sua realidade em diferentes espaços de sua vida, como, por exemplo, nos relacionamentos com parceiros afetivos, amigos e familiares.

Quanto à apropriação social dos discursos – seja qual for o discurso – considero que entre os mecanismos disponíveis, um dos mais importantes é o sistema escolar, visto que, por meio dele, qualquer indivíduo pode ascender a qualquer tipo de discurso. No entanto, a escola tem-se constituído num mecanismo de controle do discurso, impondo aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e não permitindo que todos tenham acesso aos discursos.

Os indivíduos precisam satisfazer a uma série de exigências, para só depois tornarem-se qualificados para o exercício do discurso. Os mecanismos de sujeição por meio da escola garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação de discursos apenas por certas categorias de sujeito.

Todas as práticas pedagógicas que envolvam a produção de linguagem colocam em relação três elementos: interlocutores, enunciados e mundo. Nesse sentido, falar, ler, escrever, citar, analisar, resumir etc. são práticas que a **linguagem enquanto discurso** materializa o contato entre o linguístico (a língua enquanto um sistema de regras e categorias) e o não linguístico (um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos), por meio de sujeitos que interagem em situações concretas.

Esse enfoque reconhece a existência de um sujeito organizador/ planejador que, em sua interação com os outros, construindo sentido sob a influência de uma complexa rede de fatores.

Acrescento que esta investigação também é de interesse para os que trabalham e militam na área do ensino de línguas de modo geral, seja de língua materna ou de segunda língua, mostrando como é redutora a visão dos PCN's, lançados pelo MEC para o Ensino Fundamental e Médio, no que diz respeito à diversidade de gêneros que circulam socialmente. Essa redução está presente nos manuais de ensino de língua portuguesa que mostram que há gêneros adequados para a produção textual e outros para leitura, provocando dificuldades para o cidadão dominar essa selva textual.

## REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ARENDT, H. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, L. M. S. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**. Temas Transversais: uma interpretação e sugestões para a prática. Curitiba: Bella Escola, 2002.

BARRACLOUGH, G. **Introdução à história contemporânea**. 4. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. Tradução de Ceyla Perrone-Moisés. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudo da sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Revisão técnica de Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, M. H. N.. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **PCNs: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS**. Séries Manuais, n. 47. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

CALVET, L.. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.



CÂMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa padrão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ltda., 1976.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Maurício Santana Dias. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, P. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. **Revista Signos**, Valparaíso, n.43, p. 4-27, 2010.

\_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. São Paulo: Edições 70, 1980 [1957].

COURTINE, K. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: ClaraLuz, 2006.

DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. (Org.). Expressar-se em francês: **seqüências didáticas para o oral e a escrita**. Genebra: Edições de Boeck, 2001.  
DUARTE, P. **Introdução à semântica**. 2. ed. Fortaleza: UFC, 2003.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ESPINHEIRA, G. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

FABREGAS-MARTÍNEZ, A. I.; BENEDETTI, M. R. (Org.). **Na batalha**: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

FAIRCLOUGH, N. **Analisando discursos**: análise textual para pesquisa social. Tradução de Josenia Antunes Vieira et al. Londres: Routledge, 2003.

FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. C. (Org.). **Análise do discurso**: unidade e dispersão. São Paulo: EntreMeios, 2004.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2006. II v.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, R. da S. **As "Bonecas" da pista no horizonte da cidadania**: uma jornada no cotidiano travesti. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Ligia M. Vassallo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **Educação com prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, R. S. de. **Bordel, bordéis**: negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

GASPAR, M. D.. **Garotas de programa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GREGOLIN, M. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Filigranas do discurso**: as vozes da história. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. et al. **Análise do discurso**: entornos do sentido. Araraquara: UNESP FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

\_\_\_\_\_.; BARONAS, R. (Org.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. 2. ed. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1992.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: ClaraLuz, 2005.

KOCH, I. V. **Desvendando os mistérios do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, I. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEPARGNEUR, H. **Introdução aos estruturalistas**. São Paulo: Herder, 1972.

LIPOVESTSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUNA, S. **Planejamento da pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1994.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, S. K. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas; União da Vitória: Kaygange, 2005.

MARTIN, D. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003.

MEURER, J. L. Gêneros textuais da análise crítica de Fairclough. In: \_\_\_\_\_; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Désirée (Org.). São Paulo: Parábola, 2005.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRIANI, B. (Org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise**. São Carlos: ClaraLuz, 2006.

MOITA LOPES, L.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: CNPq; Mercado de Letras, 2002.

MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. III vol.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988a.

\_\_\_\_\_. **Sujeito & discurso**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1988b.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Campinas: UNICAMP Editora, 1995.

ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contraste**: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

PAIS, J. Jovens acompanhantes: puta da vida que me fez puta. In: \_\_\_\_\_. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PAVEAU, M.; SARFATI, G.. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. Tradução de Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: ClaraLuz, 2006.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. In: \_\_\_\_\_. **Línguas e instrumentos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1999.

PINTO, M. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hackers, 1999.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RÉMOND, R. **O século XX**: de 1914 aos nossos dias. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, s/d.

RIOS, R. R. Prostitutas, michês e travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas consequências práticas. In: FABREGAS- MARTÍNEZ, A. I.; BENEDETTI, M. R. (Org.). **Na batalha**: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

RICOEUR, P. **História e verdade**. Tradução de F. A. Ribeiro. São Paulo: Forense, 1968.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, S. N. G. **Recontando histórias na escola**: gêneros discursivos e produção escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

VEYNE, P. **Sexo e poder em Roma**. São Paulo: Record, 2008.

VELHO, G. Um estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: \_\_\_\_\_. **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

## APÊNDICE A - Entrevista

Idade: 25 anos

Tempo na profissão: 7 anos

A partir dos 18 anos

- O que te levou a ingressar nessa profissão?

Além da necessidade material, sempre fui fascinada pelo sexo, visto ter presenciado as atitudes da minha mãe que se envolvia com diversos homens. Desde os sete anos.

- Mas como aconteceu a sua primeira experiência sexual? Foi com seu namorado ou fez leilão da sua virgindade?

Na verdade foi assim... Na minha casa frequentavam muitos homens. Então, quando eu tinha doze anos, tinha um homem que eu achava muito bonito e ele me dava muitos presentes e eu me entreguei a ele.

- Mas você disse que a sua entrada na prostituição ocorreu aos 18 anos devido à necessidade materiais e gosto pelo sexo. No intervalo dos 12 aos 18 anos, você teve algum envolvimento emocional sério? Ou só “ficava” em troca de algum benefício?

Da minha parte sim, fantasiei muito e da parte do cara, era só curtição. Recebi benefícios materiais, ele me deu uma bicicleta...Rs, rs, rs. Era criança, eu tive tudo que a minha vaidade podia na época, como eu assistia muita Xuxa, tudo que a Xuxa anunciava. Eu tinha coisas que nenhuma garota do bairro tinha.

- Onde você faz ponto? Na boite? Na rua? Você tem um agenciador? Você anuncia o seu produto em algum suporte de mídia?

Eu tenho meu agenciador que sempre me contrata para grandes empresários, gringos. Também anuncio em *site* da internet, isso faz com que o meu atendimento seja em hotéis, motéis e em outros estados.

- Você se assume como prostituta em todos os grupos sociais que frequenta? Por quê?

Não, eu faço faculdade, lá eu tenho outro comportamento. Tenho outras amizades, tenho uma postura de quem nasceu em berço de ouro. E também pra me livrar do preconceito porque a sociedade é intolerante.

- Você costuma identificar outras garotas de programa? Como?

Sem dúvida, sim! Comportamento, trejeitos, nas maneiras ate de sentar, olhar, movimento nas mãos... Às vezes, por um traje. “Quenga” está escrito na cara.

- Você tem vícios?

Não, não fumo, não bebo e nem me drogo. A puta de classe não tem vícios. Só gasto de apreciar o bom da vida: o luxo e o sexo.

- Na hora do sexo, você tem limites? Faz tudo que o cliente solicita?

Dependendo do cachê, a relação fica ilimitada. Eu até beijo, se for o caso.

- Qual o problema com o beijo?

O beijo é muito íntimo. Só beijo o meu namorado.

- O seu namorado sabe da sua profissão?

Se sabe, eu não sei. Até porque esse assunto a gente não põe na pauta da nossa relação. Esse lado clandestino, eu guardo para mim.

- Você tem preconceito contra você mesma?

Nenhum pouco. Até porque a vida é minha e de mais ninguém.

- Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Velado, mas já.

- Como foi?

Uma vez fui estudar na casa de uma amiga e escutei quando a mãe perguntou quem eu era, de que família era... Essas coisas. A mãe dela não acreditou que a minha família tinha nome e nem dinheiro, pois cheguei num carro top linha. Ela ficou “cabreira”... Rs,rs,rs

- Quais seus planos após a conclusão do curso Superior?

Prefiro pensar no hoje. O amanhã, a Deus pertence.

- Você sempre teve quem te agenciasse na profissão? Nunca foi para a rua?

Sim e Não!

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa **GÊNEROS DISCURSIVOS & PRÁTICAS EDUCATIVAS-SOCIAIS**, vinculada ao PPGED/CCSE/UEPA e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sendo que a sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é o de analisar **os gêneros discursivos**, do tipo cotidiano, como registro identitário das mulheres profissionais do sexo na cidade de Belém, na Amazônia paraense, sendo que a sua participação nesta pesquisa consistirá em descrever o seu comportamento como prostituta e asseguramos que não há riscos relacionados a sua participação nesta pesquisa.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e sigilosas sobre a sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, visto que você será nominado (a) como um sujeito participante, identificado por codinome.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o nome, o telefone e o endereço do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

ANA CONCEIÇÃO BORGES DE OLIVEIRA  
AV. DUQUE DE CAXIAS – AL. SÃO GABRIEL, 88. MARCO  
CEP: 66.087-550  
FONE: (91) 3277 2131

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

Sujeito da pesquisa





Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo  
66113-200 Belém-PA  
[www.uepa.br/mestradoeducaca](http://www.uepa.br/mestradoeducaca)